

**FACULDADE PAULISTA DE ARTES - FPA
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM PSICOPEDAGOGIA E ARTETERAPIA**

ROBSON QUIRINO SALVADOR

**UTILIZAÇÃO TERAPÊUTICA DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS COMO AUXÍLIO À
APRENDIZAGEM**

SÃO PAULO

2012

ROBSON QUIRINO SALVADOR

**UTILIZAÇÃO TERAPÊUTICA DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS COMO AUXÍLIO À
APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista pelo programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia e Arteterapia da Faculdade Paulista de Artes – FPA, sob orientação da Prof^a Dr^a Eliana Branco Malanga e Prof^a Especialista Leila Cristina Ciolfi.

SÃO PAULO

2012

ROBSON QUIRINO SALVADOR

UTILIZAÇÃO TERAPÊUTICA DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS COMO AUXÍLIO À
APRENDIZAGEM

FACULDADE PAULISTA DE ARTES - FPA

Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia e Arteterapia

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Eliana Branco Malanga

Prof.^a Especialista Leila Cristina Ciolfi

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

AGRADECIMENTOS

A minha família, amigos.

E as minhas orientadoras Rosana Beatriz Trzoscki e Leila Cristina Ciolfi pela paciência, compreensão e dedicação no período de produção deste trabalho.

A Valéria de Oliveira, Diretora Geral do Centro Cultural ArenArt, que minhas experimentações com jovens que frequentam a ONG.

"A atividade lúdica nos despoja ou nos desarticula, mas os momentos de despertar são bons, pois essa atividade nos deixou mais bem armados para os embates da vida."

(Pierre Bour).

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo através dos conceitos de “observação participante” e “pesquisa ação” sobre as possibilidades de atividades artísticas no desenvolvimento terapêutico com jovens e adolescentes. São mostrados dados, informações e fotografias sobre as experiências práticas em campo com Psicodrama e Arteterapia. Alguns autores de base como Freud, Moreno, Alicia Fernández, Jung e Selma Ciornai são levados em consideração, quando tratamos de simbologia e o inconsciente. O desenvolvimento se dá em três capítulos que conceituam a produção artística, a Arteterapia e a exposição das aplicações práticas realizadas que demonstram de forma agradável possibilidades da utilização de atividades artísticas como terapia, através de argumentos, estratégias e resultados sobre temas constantes e comuns que são sofrimentos mentais que causam impactos na aprendizagem e na afirmação pessoal.

Palavras-chave: Arteterapia, Psicopedagogia, Psicodrama, Teatro-terapia.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – ESPETÁCULO SUSSURROS.....	27
FOTOGRAFIA 2 – ESPETÁCULO SUSSURROS.....	27
FOTOGRAFIA 3 – ESPETÁCULO SUSSURROS.....	28
FOTOGRAFIA 4 – PAINEL DE ENCERRAMENTO.....	35
FOTOGRAFIA 5 – COLAGEM PACIENTE “B”	36
FOTOGRAFIA 6 – ARGILA PACIENTE “B”	37
FOTOGRAFIA 7 – ARGILA PACIENTE “B”	37
FOTOGRAFIA 8 – COLAGEM PACIENTE “D”	38
FOTOGRAFIA 9 – ARGILA PACIENTE “D” VERSO.....	39
FOTOGRAFIA 10 – ARGILA PACIENTE “D” FRENTE.....	39
FOTOGRAFIA 11 – ARGILA PACIENTE “D” VERSO	40
FOTOGRAFIA 12 – ARGILA PACIENTE “D” FRENTE.....	40
FOTOGRAFIA 13 – COLAGEM PACIENTE “F”	42
FOTOGRAFIA 14 – ARGILA PACIENTE “F”	43
FOTOGRAFIA 15 – ARGILA PACIENTE “F”	43
FOTOGRAFIA 16 – COLAGEM PACIENTE “Ga”	44
FOTOGRAFIA 17 – ARGILA PACIENTE “Ga”	45
FOTOGRAFIA 18 – ARGILA PACIENTE “Ga”	45
FOTOGRAFIA 19 – COLAGEM PACIENTE “Gi”	45
FOTOGRAFIA 20 – ARGILA PACIENTE “Gi”	46
FOTOGRAFIA 21 – ARGILA PACIENTE “Gi”	46
FOTOGRAFIA 22 – COLAGEM PACIENTE “K”	47
FOTOGRAFIA 23 – ARGILA PACIENTE “K”	48
FOTOGRAFIA 24 – ARGILA PACIENTE “K”	48
FOTOGRAFIA 25 – COLAGEM PACIENTE “La”	48
FOTOGRAFIA 26 – ARGILA PACIENTE “La”	49
FOTOGRAFIA 27 – ARGILA PACIENTE “La”	49
FOTOGRAFIA 28 – COLAGEM PACIENTE “Lu”	50
FOTOGRAFIA 29 – ARGILA PACIENTE “Lu”	51
FOTOGRAFIA 30 – ARGILA PACIENTE “Lu”	51
FOTOGRAFIA 31 – COLAGEM PACIENTE “N”	52

FOTOGRAFIA 32 – ARGILA PACIENTE “N”	53
FOTOGRAFIA 33 – ARGILA PACIENTE “N”	53
FOTOGRAFIA 34 – ARGILA PACIENTE “N”	54
FOTOGRAFIA 35 – COLAGEM PACIENTE “R”	54
FOTOGRAFIA 36 – ARGILA PACIENTE “R”	55
FOTOGRAFIA 37 – ARGILA PACIENTE “R”	56
FOTOGRAFIA 38 – ARGILA PACIENTE “R”	56

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – TRANSPARÊNCIA PACIENTE “B”	36
FIGURA 2 – TRANSPARÊNCIA PACIENTE “D”	38
FIGURA 3 – MONTAGEM SOBRE ARGILA PACIENTE “D”	41
FIGURA 4 – TRANSPARÊNCIA PACIENTE “F”	42
FIGURA 5 – TRANSPARÊNCIA PACIENTE “Ga”	44
FIGURA 6 – TRANSPARÊNCIA PACIENTE “Gi”	45
FIGURA 7 – TRANSPARÊNCIA PACIENTE “K”	47
FIGURA 8 – TRANSPARÊNCIA PACIENTE “La”	48
FIGURA 9 – TRANSPARÊNCIA PACIENTE “Lu”	50
FIGURA 10 – TRANSPARÊNCIA PACIENTE “N”	52
FIGURA 11 – TRANSPARÊNCIA PACIENTE “R”	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I.....	15
1 PRODUÇÃO ARTÍSTICA.....	15
1.1 CONCEITO E RELAÇÃO.....	15
1.2 LINGUAGENS ARTÍSTICAS.....	16
1.2.1 Artes Visuais.....	17
1.2.2 Dança.....	17
1.2.3 Música.....	18
1.2.4 Teatro.....	19
CAPÍTULO II.....	21
2 A ARTETERAPIA.....	21
2.1 DEFINIÇÕES E HISTÓRIA.....	21
CAPÍTULO III.....	25
3 APLICAÇÕES PRÁTICAS.....	25
3.1 EXPERIÊNCIAS A PARTIR DE SUSSUROS.....	25
3.2 ESTÁGIO EM ARTETERAPIA.....	30
3.2.1 Metodologia e funcionamento.....	30
3.2.2 Pacientes.....	35
3.2.2.1 Caso Paciente “B”.....	35
3.2.2.2 Caso Paciente “D”.....	37
3.2.2.3 Caso Paciente “F”.....	41
3.2.2.4 Caso Paciente “Ga”.....	43
3.2.2.5 Caso Paciente “Gi”.....	45
3.2.2.6 Caso Paciente “K”.....	46
3.2.2.7 Caso Paciente “La”.....	48
3.2.2.8 Caso Paciente “Lu”.....	50
3.2.2.9 Caso Paciente “N”.....	52
3.2.2.10 Caso Paciente “R”.....	54
3.2.3 Depoimentos.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64

ANEXO.....	67
ANEXO A – “Oração do grupo Alfa no Estágio de Arteterapia”	68
ANEXO B – “Oração do grupo Beta no Estágio de Arteterapia”	69
ANEXO C – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “B”	70
ANEXO D – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “D”	71
ANEXO E – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “F”	72
ANEXO F – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “Ga”	73
ANEXO G – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “Gi”	74
ANEXO H – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “K”	75
ANEXO I – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “La”	76
ANEXO J – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “Lu”	77
ANEXO K – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “N”	78
ANEXO L – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “R”	79
ANEXO M – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “A”	80
ANEXO N – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “Ra”	81
ANEXO O – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “An”	82
ANEXO P – Letra da Música “Epitáfio”	83

INTRODUÇÃO

Este tema surgiu da vontade de tratar de dificuldades sociais relacionadas à aprendizagem, desenvolvendo autoconfiança e autoconhecimento através das artes visuais e do teatro. Estabeleço foco em artes visuais e teatro, pois são de minha formação superior¹, e por ter prática/experiência profissional em ambas. Esta vontade vem estimulada pela vivência que tenho há anos na ONG² que presto serviços voluntários com crianças, jovens e adolescentes da zona leste de São Paulo. Vale ressaltar que as áreas citadas têm em comum a sensibilidade e afetividade humana: materiais de base para formação do indivíduo em suas mais diversas fases do desenvolvimento.

Tendo em vista que estamos em uma sociedade que forma (ou deforma) pessoas devido ao molde capitalista com foco apenas nas percepções estritamente racionais, o trabalho com a subjetividade e reconhecimento de impulsos intrínsecos ao ser humano, tem função catártico e terapêutico, uma vez que faz com que tenhamos contato com o nosso “eu” interior. Conhecendo o “eu”, é possível compreender e ter empatia com o outro, conseqüentemente, as relações tendem a melhorar, bem como a convivência e produção afetiva, física, material, psicológica e cognitiva.

O objetivo geral deste trabalho é o estudo das possibilidades do Psicodrama e da Arteterapia no auxílio de jovens e adolescentes em situações relacionadas a problemas de aprendizagem.

A fim de atingir os objetivos específicos foi preciso estudar a aplicação do Psicodrama no trabalho com jovens e adolescentes da periferia de São Paulo, experimentar a utilização da Arteterapia na reconstrução da autoestima destes e os benefícios para a aprendizagem, considerando a problemática central que é ‘como a criação artística pode auxiliar na autoafirmação, autoestima e autoconhecimento e conseqüentemente na aprendizagem de jovens?’.

¹ Licenciatura Plena em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes – FPA.

² Centro Cultural ArenArt de Artur Alvim.

Partindo do pressuposto de que o fazer artístico profissional difere do que é feito com fins terapêuticos; de que a produção artística permite que o inconsciente aflore; com isso, nos conhecemos melhor, fortalecendo a autoestima; em situações terapêuticas, a utilização de metáforas é uma aliada para falar de coisas doloridas devido à sublimação de sentimentos; tendemos a utilizar a terceira pessoa, em representações, seja artística (com materiais plásticos) ou teatral (através de técnicas de improvisação nas artes cênicas e/ou do psicodrama). A vivência em grupo trabalha a sensibilidade, nos faz notar que não estamos sozinhos e que não passamos por tudo isso com total exclusividade.

Levantou-se a seguinte hipótese: A arteterapia e o psicodrama podem ser utilizados terapeuticamente em jovens com problemas de aprendizagem.

Como hipóteses complementares, temos:

1 – As dificuldades de aprendizagem que tenham origem na falta de autoconfiança podem ser trabalhadas por meio do psicodrama e da arteterapia.

2 – O autoconhecimento proporcionado pela arteterapia e pelo psicodrama auxilia a superação de problemas de aprendizagem.

A estratégia metodológica deste trabalho tem como referência conceitos de “observação participante” e “pesquisa ação”, como foco o cunho qualitativo a partir de experimentos e observações realizadas em estágio. Como referência, seguem alguns importantes nomes da Psicologia, Psicodrama, Psicopedagogia e Arteterapia como Freud (1976) e o desenvolvimento psicosssexual; o Moreno (1975) e sua surpreendente e fantástica desorganização de ideias e grande mestre no foco de pesquisa deste trabalho; Alicia Fernández (2010) com conceitos pioneiros em relação às modalidades de aprendizagem e o neologismo “aprendente”; e Selma Ciornai (2004), com suas lições e percursos em Arteterapia; sem desconsiderar os símbolos e arquétipos de Carl Jung (2008). Todos estes autores abordam assuntos pertinentes à terapia, saúde mental, aprendizagem, inconsciente e a subjetividade.

Foram realizadas experiências, como amostra, utilizando informações e dados de dez pacientes concluintes no estágio de Arteterapia³.

Os capítulos estão divididos de acordo com a abordagem cruzando as grandes áreas, onde a Arteterapia servirá de ferramenta para a Psicopedagogia, sem desconsiderar o poder terapêutico de ambas, com dissertações hipotéticas e dedutivas sobre atividades em campo a luz de rica bibliografia.

O Capítulo I – Produção Artística faz uma abordagem de diversas linguagens artísticas, da relação e possibilidades terapêuticas com cada uma delas.

O Capítulo II – A Arteterapia faz um breve panorama da Arteterapia no mundo e no Brasil.

O terceiro e último Capítulo – Aplicações Práticas retrata experiências realizadas com Psicodrama e Arteterapia com jovens e adolescentes onde há descrição de estudos de casos, fotografias e depoimentos.

Concluindo, este trabalho demonstra de forma agradável possibilidades da utilização de atividades artísticas como terapia, através de argumentos, estratégias e resultados.

³ Disciplina Estágio em Arteterapia para o curso de Pós-Graduação Lato Sensu da Faculdade Paulista de Artes – FPA, sob orientação da Professora Mestre Iraci Saviani.

CAPÍTULO I

1 PRODUÇÃO ARTÍSTICA

1.1 CONCEITO E RELAÇÃO

Segundo o Dicionário Aurélio, 'artístico' é relacionado à arte, ao artista ou à sua obra, aquilo que tem arte, uma realização primorosa. Sendo uma realização, pode ser considerada 'produção', que por sua vez significa o ato de produzir, ou resultado deste ato. Utilizando tais significados, é possível obter um sentido prático do conceito de 'produção artística'. Mas como diferenciar o que é feito profissionalmente, terapeuticamente e a educação de arte? Basta identificar a finalidade da aplicação.

Os profissionais das diversas artes utilizam-nas para fins lucrativos, como meio de vida, sobrevivência ou apenas entretenimento. O fazer artístico terapêutico, faz das artes, canal de comunicação entre inconsciente e consciente, isto é, a arte torna-se meio, ferramenta catártica capaz de, através da subjetividade, dar subsídios ao indivíduo em relação ao autoconhecimento, como argumenta Jung (2008). Já *“a arte-educação, visa apresentar o mundo das artes através de técnicas e informações que possam estimular a criação própria”*. (GUTTMANN, 1997), isto é, ensinar o aluno, conceituar a arte, formá-lo artista.

Quando criamos algo artístico, tendemos a reduzir a razão, permitindo que o emocional, o inconsciente trabalhe com mais eficácia ou apenas deixamos que a emoção, tão rechaçada, se equipare a razão, uma vez que *“a racionalização da emoção não se processa apenas depois que esta desaparece, [...] razão e emoção são indissociáveis”* (BOAL, 2011, p. 69), cientes disso, nos conhecemos melhor, legitimamos nossos impulsos, fortalecendo o autoconhecimento, o autocontrole, nosso foco e conseqüentemente a autoestima, que é a grande responsável pelos processos de aprendizagem. Sendo assim, trabalhar com propósito *“arteterapêutico”*, os efeitos podem ser ainda mais eficazes.

1.2 LINGUAGENS ARTÍSTICAS

Linguagem está relacionada à forma de comunicação e expressão entre dois seres (emissor e receptor), que pode ocorrer numa relação física e convencional, entre duas pessoas, ou emocional, representada por uma só pessoa que busca um diálogo entre inconsciente e consciente e/ou ID e Superego.

No universo dos meios de comunicação visual, inclusive as formas mais casuais e secundárias, algum tipo de informação está presente, [...] toda forma visual concebível tem uma capacidade incomparável de informar o observador sobre si mesmo e seu próprio mundo. (DONDIS, 2007, p.184)

As informações existentes nas produções artísticas estão dispostas em símbolos, códigos ou metáforas, que são bastante úteis, devido à aliança criada ao processo de sublimação e transformação de assuntos doloridos, trancados no inconsciente, e/ou em objetos transicionais. Uma vez estando fora do corpo ou sendo representado fora dele, os assuntos e sentimentos, são visualizados em terceira pessoa e mais facilmente trabalhados, potencializando então, os efeitos terapêuticos, como cita Freud (1976).

A metáfora é uma figura de linguagem que pode, poeticamente, obter novo significado no fazer artístico através de correspondências simbólicas. A comunicação é intrínseca ao ser humano e é realizada através de símbolos (letras, números, gestos, sons), também citado por Jung (2008).

Logo, casando estes dois grandes nomes (Freud e Jung), podem-se experimentar efeitos terapêuticos bastante interessantes partindo do pressuposto que produção artística terapêutica, nada mais é que uma forma de ver em terceira pessoa a si mesmo através de símbolos e correspondências de assuntos e sentimentos, propiciando que este diálogo interno aconteça mais facilmente, uma vez que nos veremos com distanciamento, calma e frieza dos quais não teríamos estando completamente envolvidos a eles.

Já que tratamos de atividades e linguagens artísticas no auxílio à aprendizagem, será considerado os 'Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs', que subdivide as Artes em quatro áreas específicas que são: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

1.2.1 Artes Visuais

As Artes Visuais são também conhecidas como artes plásticas, são normalmente generalizadas apenas como pintura, engloba além desta, a escultura, monumentos, arquitetura, artesanato, ilustração, fotografia, artes gráficas e desenho industrial – relação listada por Dondis (2007, p. 09).

Esta área das Artes é a mais explorada em caráter terapêutico devido à praticidade e conforto de sua aplicação, é o grande “carro chefe” da Arteterapia e muito utilizada nas intervenções em Psicopedagogia.

Dondis (2007, p. 07) diz que “a experiência visual humana é fundamental no aprendizado para que possamos compreender o meio ambiente e reagir a ele”. Tratando deste artifício⁴ humano, desde as pinturas nas cavernas, podem-se compreender as transformações, as formas de visualização das sociedades de diversos períodos, como reagiam e transferiam o conhecimento bem como reagimos e o transferimos hoje, podendo nos desvincular de tempo e espaço. Como diz Boal (2011, p.69), “para isso serve a arte: não só para mostrar como é o mundo, mas também para mostrar por que ele é assim e como se pode transformá-lo”.

1.2.2 Dança

A dança é a série ritmada de gestos e de passos. Ela pode ser aplicada terapêuticamente utilizando o conceito de dança espontânea e aproveitando também da Técnica Alexander, Método Laban, Biodança e Kundalini.

⁴ Empregado como fusão do sentido visual, de compreensão e aptidão humana em produzir arte.

Nosso corpo somos nós. É a nossa única realidade perceptível. Não se opõe à nossa inteligência, sentimentos, alma. Ele os inclui e dá-lhes abrigo. Por isso tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro... pois corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, representam não a dualidade do ser, mas sua unidade. (BERTHERAT, 2010, p. 03).

Com isto, é possível acessar de forma expressiva e principalmente, não verbal, conteúdos latentes. Uma vez que “nossas relações nervosas, glandulares, musculares não estão apenas ligadas a nosso estado emocional; elas são nosso estado emocional.” (BERTHERAT, 2001). Através da movimentação ou possibilidades de experimentação de movimentos e modulações, é possível notar como nos percebemos e como o outro se percebe, se conhece, se equilibra ou desequilibra e fundamentalmente, qual e como está seu ritmo, seu tempo.

1.2.3 Música

Segundo o Dicionário Aurélio, a Música é a arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido. Vale ressaltar que o som é um elemento físico que cria reações físicas, podendo criar reações psíquicas, visto que a psique humana é influenciada também pelo meio.

Além do potencial apenas sinfônico, é possível ter como aliada, determinadas letras que vão ao encontro de algum paradigma descoberto nas sessões.

Levando em consideração o exposto anteriormente sobre dança e o corpo, a música pode ser considerada uma aliada importante ao ato de dançar e se expressar, considerando que:

A Música é uma necessidade interior, muito mais próxima do campo espiritual que do físico, foi o que motivou o homem a dançar utilizando-se do movimento como um veículo para a liberação de sua vida interior. Esses sentimentos estão intimamente ligados com a necessidade material do homem primitivo. Necessidade de amparo, abrigo, alimento, defesa, conquista, de procriação, saúde, comunicação e principalmente de desvendar os mistérios do mundo à sua volta. (BERTONI, 1992).

Não só o mundo a sua volta, mas também ao gigante mundo obscuro dentro de si, representado pelo inconsciente. A Música pode também, ser utilizada como relaxamento, meditação e demais aplicações da musicoterapia.

1.2.4 Teatro

O Teatro é mais uma arte milenar que oportunamente pode unir as outras três Artes supracitadas, tendo como foco três elementos que são o ator, história e a plateia, criando uma tríplice comunhão. Além das diversas formas de aplicação terapêutica do Teatro, temos o Psicodrama que segundo Moreno (1975, p.17), drama (do grego: ação ou coisa feita), “portanto, Psicodrama pode ser definido como a ciência que explora a verdade por métodos dramáticos”.

Compartilhando a fala de um grande nome do Teatro brasileiro, Boal (2011, p. 88):

O ser humano é uma unidade, um todo indivisível. Cientistas têm demonstrado que os aparelhos físico e psíquicos são totalmente ligados. O trabalho de Stanislaviski sobre as ações físicas vão também nesse sentido; ideias, emoções e sensações estão indissolavelmente entrelaçadas. (BOAL, 2011, p. 880

Então, a prática cênica tem grande utilidade para tratamento destas diversas necessidades humanas que andam tão fragmentadas e desvinculadas.

Moreno (1975, p. 386) levando em consideração o potencial desta arte, diz que:

O teatro terapêutico é um palco construído de modo que as pessoas possam viver e projetar numa situação experimental e seus próprios problemas e sua vida real, desembaraçadas dos rígidos padrões impostos pela exigência cotidiana ou as limitações e resistências da vida comum. (MORENO, 1975, p. 3860

Isto é, elaborar de forma livre, sem preocupações sociais de comportamento, sem necessitar seguir protocolos e também, viver ou reviver de outra forma o que foi acomodado de qualquer jeito devido termos que, parafraseando Freud, viver como se fôssemos de ferro, mesmo sendo feitos de carne.

CAPÍTULO II

2 A ARTETERAPIA

2.1 DEFINIÇÃO E HISTÓRIA

A Arteterapia, como brevemente define Ciornai (2004, p.07), é “o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos”, isto é, terapia através de arte ou utilizando-se dela.

Considerando a *American Art Therapy Association* apud Ciornai (2004, p. 08):

A Arteterapia baseia-se na crença de que o processo criativo envolvido na atividade artística é terapêutico e enriquecedor da qualidade de vida das pessoas. Arteterapia é o uso terapêutico da atividade artística no contexto de uma relação profissional por pessoas que experienciam doenças, traumas ou dificuldades na vida, assim como por pessoas que buscam desenvolvimento pessoal. Por meio do criar em artes e do refletir sobre os processos e trabalhos artísticos resultantes, pessoas podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar sua auto-estima, lidar melhor com sintomas, estresse e experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer Artístico. (*AMERICAN ART THERAPY ASSOCIATION* apud CIORNAI, 2004, p. 08).

Ciornai (2004), trás informações do surgimento da Arteterapia internacionalmente, por três vertentes pioneiras, uma com o nome de “arte em terapia” na década de 1940 nos Estados Unidos, por Margareth Naumburg, que foi a primeira a utilizar o termo “arteterapia”, dando a seguinte descrição: “a utilização de trabalhos de arte no tratamento psicoterápico e psiquiátrico, privilegiando a importância terapêutica do desvelamento dos conteúdos simbólicos ali representados” (CIORNAI, 2004, p. 26). A segunda foi a austríaca Edith Kramer, que chamou de “arte como terapia”, Ciornai (2004, p. 28) cita que na década de 1930, que Kramer “sublinhava a importância da arteterapia nos processos de organização e maturação psíquica, assim como nos processos sublimatórios e fortalecimento do ego”. Já a terceira, “arte como e em terapia”, foi de Janie Rhyne, que visava:

O respeito e a genuína curiosidade pela singularidade de cada um, o posicionamento fenomenológico não-interpretativo na leitura dos trabalhos produzidos, a importância de observar e relacionar-se tanto com a linguagem simbólica, e tanto com o processo quanto com as reflexões posteriores sobre esse processo, a ênfase nos princípios da Psicologia da *Gestalt* de procurar perceber a configuração total das partes que constituem um todo em vez de cada parte isoladamente, a crença no poder da atividade expressiva de ser tanto um processo integrador quanto uma fonte de aprendizado sobre si. (CIORNAI, 2004, p. 34)

Então, de forma quase que simultânea, surgiram estudos e pensamentos diversos, muito provavelmente por reflexos e sensibilidade causados pelas guerras mundiais.

A Arteterapia começou a ser pensada no Brasil por Nise da Silveira seus trabalhos em terapia ocupacional, imagens do inconsciente e através da Psicologia Analítica e símbolos Jung, tornando-se formação superior em 1989, quando Selma Ciornai propôs a diretoria do Instituto Sedes Sapientiae um curso de Arteterapia. Ainda levando em consideração a American Art Therapy Association *apud* Carvalho (1995, p. 23-24), mas agora relacionada à Arteterapia como profissão:

Arteterapia é uma profissão assistencial ao ser humano. Ela oferece oportunidade de exploração de problemas e de potencialidades pessoais por meio da expressão verbal e não verbal e do desenvolvimento de recursos físicos, cognitivos e emocionais, bem como a aprendizagem de habilidades, por meio de experiências terapêuticas, com linguagens artísticas variadas. Ainda que as formas visuais de expressão tenham sido básicas nas sociedades desde que existe história registrada, a arteterapia surgiu como profissão na década de 30. A terapia por meio das expressões artísticas reconhece tanto os processos artísticos como as formas, os conteúdos e as associações, como reflexos de desenvolvimento, habilidades, personalidade, interesses e preocupações do paciente. O uso da arte como terapia implica que o processo criativo pode ser um meio tanto de reconciliar conflitos emocionais como de facilitar a auto percepção e o desenvolvimento pessoal. (AMERICAN ART THERAPY ASSOCIATION *apud* CARVALHO, 1995, p. 23-24)

Com uma visão mais contemporânea, Oliveira (2011, p. 35), trás uma definição interessante de Arteterapia quando diz que:

É uma ciência fundamentada em Medicina e Artes em geral, que estuda e pratica os meios adequados para aliviar ou curar os indivíduos por meio da expressão da arte, trazendo à tona uma ideia, trauma, fobia, etc., em uma catarse psicanalítica. É arte pela arte que analisa principalmente o processo criativo e não a obra em si. Possui muitas manifestações, tais como: Psicodrama, Teatro Terapêutico, Biodança, Expressão Corporal, Desenho, Pintura. (OLIVEIRA, 2011, p. 35).

O que permite também um dialogo bastante interessante com outras linguagens de arte em seu tratamento e/ou aplicação.

Eliezer (1999) enumera alguns benefícios da Arteterapia que também ajudam a conceituar bem esta área:

- 1 - Melhora a comunicação consigo mesmo e com o outro;
 - 2 - O cliente se independentiza do terapeuta, pois é ativo, cria nas sessões;
 - 3 - O tempo do tratamento é menor, pois a transferência é reduzida, a atividade diminui o valor desta;
 - 4 - Favorece a busca da harmonia e do equilíbrio da vida;
 - 5 - Facilita o diagnóstico propiciando leitura de material pré e inconsciente através de imagens pictóricas, sonoras, táteis e kinestéricas.
 - 6 - Aumenta a espontaneidade e a criatividade positivamente orientadas.
- A Terapia pela Arte não necessariamente se fixa nos limites clássicos da psicoterapia através da linguagem artística. Na Fonoaudiologia, Fisioterapia, Psicopedagogia, Psicomotricidade, Terapia Ocupacional a arte também é utilizada sendo aí Terapia pela Arte. Cabe ao psicólogo somente a ele o psicodiagnóstico e a psicoterapia através da arte. Em todas as escolas a arte tem desempenhado papel importante ao criar uma possibilidade existencial inédita que é a da estética no contexto terapêutico. Os professores de arte lucram com estes ensinamentos. Meta-realidade? Meta-linguagem? Comunicação averbal apenas? (ELIEZER, 1999)

Trazendo também alguns perigos:

1 - O cliente gosta tanto do trabalho arteterapêutico que não quer parar, confundindo a Psicoterapia (tratamento) com o prazer da auto-expressão. Melhor terminar o tratamento e encaminhar à aula de arte;

2 - Pode ocorrer fixação na criação estética ao invés de no real. Nossa tarefa é tratar e não transformar nossos clientes em artistas. Esta é a função do arte-educador;

[...]

4 - Estimular o imaginário sem produzir criações consistentes;

5 - Fugir do real em direção à criação estética sem integrar o que ocorre para aprender a viver melhor.

Isto destaca a importância do Terapeuta da Arte ser antes de mais nada, um bom Clínico e paralelamente ocorrer o aprendizado do manejo do instrumental da criação e expressão estética (Desenho, Pintura, Modelagem, Música, Canto, Dança, etc). (ELIEZER, 1999)

Daí a necessidade de estudo, formação e informação a respeito para uma boa definição e prevenção de aplicações incoerentes.

CAPÍTULO III

3 APLICAÇÕES PRÁTICAS

3.1 EXPERIÊNCIAS A PARTIR DE SUSSUROS

A montagem deste espetáculo se deu através da necessidade dos jovens envolvidos resolverem inquietações pessoais mal resolvidas e/ou que precisavam ser ditas, trabalhadas e/ou reelaboradas.

“Sussurros”, que segundo o Dicionário Aurélio, significa murmúrios ou sons confusos, foi o nome definido para a peça de teatro que nasceu após experimentações baseadas no Psicodrama em grupo no ano de 2011 na zona Leste de São Paulo.

Fernández (2010, p. 50) diz que:

Quando o psicodrama acontece no seio de um grupo, esse processo se torna mais fácil, pois nos grupos, vai-se formando um acervo de cenas que se organizam em redes e constituem o que se poderia chamar de uma rede interpretativa. (FERNÁNDEZ, 2010, p. 50).

E o interessante é que o supracitado veio a servir como reafirmação, pois apareceu depois da realização deste processo, gerando uma temática em comum para a construção de um espetáculo.

A montagem corresponde a diversas cenas que são formadas por textos que nasceram da espontaneidade e criatividade do grupo a partir de cartas enviadas pelos integrantes sobre suas vidas e contexto social do qual estão incluídos, bem como oficinas de texto, corpo e claro, as experimentações psicodramáticas.

Em busca da conscientização dos valores implícitos em nossa organização social e da ciência de que os problemas que vivemos, muitas vezes não são vividos

exclusivamente por nós de forma inédita, então, revivemos em cena, situações de conflitos pessoais visando melhor elaboração e possibilidade de resolução, podendo assumir também, um caráter preventivo, criando situações favoráveis para o desenvolvimento de relações mais saudáveis e maior autoconhecimento e conhecimento do outro.

Com o trabalho quase formatado, nos afinamos com o Sociodrama e fomos beber um pouco de suas fontes partindo do questionamento: o que queremos falar? Daí surgiu à necessidade de identidade, não apenas a do senso comum, estritamente relacionada à forma estética da qual faz do teatro apenas um *hobbie*, mas também, fazê-lo meio, agente de transformação.

De volta ao título, exclamamos em forma de gritos o que hora foram apenas sussurrados. A peça se dá de forma não linear, onde as questões e ações aparecem sem preocupação com conceitos clássicos dramáticos, fazendo com que o expectador seja o responsável pela elaboração do discurso que inevitavelmente lhe será comum.

O “J”⁵, o nome dado ao personagem principal, é coringa⁶, não só cenicamente sendo representado por diversos atores, mas também no caráter ideológico, por representar diversas questões, pessoas, fases e sentimentos.

Revivendo em cena situações de conflitos pessoais compartilhados, os participantes elaboram e reinventam soluções, considerando a fala de Coutinho (2009, p.83): “A dramatização em si, também serão objetos de atenção e caminhos para uma compreensão mais plena daquilo que o sujeito precisa revelar”, foi possível construir cenas baseadas em inquietações individuais e coletivas que resultaram na concepção estética e dramática motivadas por impulsos simbólicos.

A seguir, temos fotos e um trecho do texto que demonstra de forma bastante latente uma situação real representada por um ‘ego auxiliar’, utilizando o

⁵ Sigla dada a pacientes afim de não identificá-los, normalmente corresponde a primeira letra do nome.

⁶ O sistema Coringa é uma experiência do Teatro Arena, onde os personagens rodavam entre os atores num espetáculo.

Psicodrama, a partir do tipo de representação ‘não-confessional’⁷, além de objetos transicionais (ursinhos), bastante citado por Winnicott (1975), e apropriado ao caso, principalmente quando diz:

É verdade que a ponta do cobertor (ou o que quer que seja) é simbólica de algum objeto parcial tal como o seio. No entanto, o importante não é tanto o seu valor simbólico, mas sua realidade. O fato de ele não ser o seio (ou a mãe), embora real, é tão importante quanto o fato de representar o seio (ou a mãe), [...] trata-se de um substituto, de algo evocativo, não sendo essencialmente, de fato, realmente o próprio corpo. (WINNICOTT, 1975, p.19)

Isto é, os ursinhos de pelúcia tornaram-se objetos transicionais, representação simbólica em essência do pai, mas complementada por mãe e de si próprio. “A cena pode ter sido relatada por um participante ou por outro, porém deixa de ser propriedade privada do autor do relato inicial” (FERNÁNDEZ, 2010, p.45), então foram incluídos objetos e formatado o texto para incluí-los a fim de potencializar o efeito catártico.

FOTOGRAFIA 1 - ESPETÁCULO SUSSURROS



Fonte: Centro Cultural ArenArt, 2011

FOTOGRAFIA 2 - ESPETÁCULO SUSSURROS



Fonte: Centro Cultural ArenArt, 2011

⁷ Tipo este, que será explicado mais detalhadamente na próxima abordagem do assunto, em ‘2.2 Estágio em Arteterapia’.

... Essa aqui sou eu... Essa aqui é minha mãe... e esse é o meu pai. Tem gente que acha que eu pareço com a minha mãe, mas eu pareço mesmo é com meu pai... Meu pai era o meu super-herói. Ele vendia chapinhas de fogão que eu ajudava a embrulhar com folha de jornal. Mas ele e a minha mãe brigavam muito, sabe? Ele bebia e quando os dois estavam juntos em casa, brigavam o dia todo. Daí ele bebia mais, depois caía pela rua e a gente nunca sabia se ele tava morto ou só bêbado, estendido no chão. Um dia ele parou do meu lado, com um saco na mão: - O pai tá indo embora. Fica com Deus. A gente não soube mais dele. Aí um dia ligaram do hospital: 'Alô, a senhora pode vir até aqui'? Minha mãe me levou pela mão e eu me lembro de um corredor muito comprido, e só nós duas. Lá, no fim, eu vi meu pai, e ele era só pele e osso. Eu achava que ele tinha sumido porque não gostava mais de nós, mas não era... O pior é que eu não conseguia nem sentir pena dele. Eu só conseguia sentir vergonha. Ele prometeu parar de beber, como ele sempre prometia, mas passou um mês e a mamãe jogou de novo as coisas dele no meio da rua. Houve um tempo em que ele era o meu super herói... ele era jovem, viajava e sonhava com a vida. Hoje ele passa fome e a única coisa que ele queria era voltar para casa. E eu sonho com os abraços que queria lhe dar, mas guardei para mim por toda a vida... (informação verbal)⁸.

FOTOGRAFIA 3 - ESPETÁCULO SUSSURROS



Fonte: Centro Cultural ArenArt, 2011

Vale considerar ainda, Grassi (2008, p. 80), quando diz que “ao brincar com suas bonecas e demais brinquedos, a criança revive sua vida, prazeres e conflitos, atualizando-os, resolvendo-os, compensando-os, elaborando-os através de ficção, da fantasia, da imaginação”, pois se tratava de um assunto supostamente esquecido, no caso sublimado, que pôde vir à tona para uma elaboração ou reelaboração que estava pendente. Efeito este que ocorre não só por quem encena, mas indiretamente para o público também.

Outros sofrimentos mentais frequentes foram o medo e a ansiedade que geravam uma paralisação muito grande que a partir de Sussurros, pode ser gritada no trecho a seguir:

⁸ Trecho obtido do espetáculo SUSSURROS, 2011.

... Como isso pode acontecer comigo? Antes eu sabia quem eu era... Agora eu tenho medo da minha casa, medo de me olhar no espelho, das pessoas, do futuro, de mim mesmo, do que fiz e do que ainda vou fazer, e pior ainda, do que deixei e ainda vou deixar de fazer. Medo de não conseguir o que planejei, de não alcançar o que desejo. Medo de perder aqueles que são importantes para mim. Mas de todas as coisas, o que tenho mais medo é o medo em si, que me faz correr, fugir, me esconder, ou me paralisa completamente, sem deixar que as palavras saiam da garganta para a boca e daí para o mundo... (informação verbal)⁹.

Que vai ao encontro de um texto bastante interessante da Academia Americana de Psiquiatria Infantil e Adolescente:

Quando percebemos uma situação tão difícil ou dolorosa, as mudanças ocorrem em nossas mentes e corpos para nos preparar para responder ao perigo. Esta "luta, fuga ou congelamento" resposta rápida inclui cardíaca e respiração, o sangue subiu para os músculos de braços e pernas, mãos frias ou úmidas e pés, dores de estômago e/ou uma sensação de pavor. (COLLINS, 2005)

Problemas com relacionamento amoroso e envolvimento com drogas como fuga oferecem riscos e ocupam espaço:

... E foi por entre os meus dedos que a sua mão me escapou, sem que eu pudesse te segurar. Quando ela se foi, tive febres de todas as cores... Eu me sentia desaparecendo pouco a pouco. Aí, quando eu me perdi de mim, eu quis fazer uma viagem... E fiz todas as viagens que pude para me encontrar. Quando alguém me pergunta a razão das minhas viagens, só posso responder que sei muito bem do que estou fugindo, mas não sei o que é que estou procurando. E quando me perguntam quando eu volto, eu sempre digo: Eu nunca vou voltar!... (informação verbal)¹⁰.

Perdas de entes queridos e/ou da figura infantil mostrou-se uma forte problemática:

⁹ Trecho obtido do espetáculo SUSSURROS, 2011.

¹⁰ Trecho obtido do espetáculo SUSSURROS, 2011.

... Meu avô era um cara legal, muito sério... Na casa dele tinha brinquedos legais, como uma furadeira industrial... Era o bicho! Da minha avó, ficou a lembrança dos pães caseiros e daquele cheiro maravilhoso dominando toda a casa... Eu também me lembro de passear com o meu tio, e de um cachorro preto muito feio, mas que era o meu melhor amigo. Tenho saudade de brincar na rua de casa com os amigos até tarde, de almoçar na casa deles, de correr por aí, brincar com balões d'água... Essas coisas de infância que parecem bobas, mas que depois de um tempo fazem falta. Me lembro de quando nos reuníamos na sala a noite pra brincar com o cachorro. Era um dos únicos momentos em que todo mundo ficava junto se divertindo, e sem brigar. Ai o cachorro morreu. E esses momentos morreram junto com ele. Vai ver, a culpa é minha... Cada dia que passou me deixou um pouco mais distante. Hoje em dia eu tenho certeza que, se eu sumisse, ninguém ia sentir a minha falta... (informação verbal)¹¹.

Questões de tensão, orientação sexual e de sexualidade, embora levado com bastante descontração, apareceram entre as dúvidas e angústias:

... Amigo: E aí, chapa, suave? Tá fazendo o que, aí, sozinho? A festa é lá dentro e tem muita mina lá esperando para ver seu bingulinho...
 J: Não enche. Só quero ficar de boa.
 Amigo: Tá, eu sabia... Você é gay... Olha, sem problemas, eu não tenho preconceito, não, cara. Só não vem pro meu lado. Ou vem vestido de menina, pelo menos. Pela amizade, eu faço essa pra você.
 J: Não é isso, não, (*)! Eu só to meio cheio porque tudo sempre dá errado pra mim.
 Amigo: Eu não imaginava que era isso. Me diz cara, mas seja sincero, tá? Há quanto tempo você não bate uma punheta?
 J: Ah, vai se (*), cara, eu to falando sério.
 Amigo: Eu também cara, cê tá deprimido, aí, cê sabe, né... Na falta, descabela o palhaço, ajuda.
 J: huff... (informação verbal)¹².

3.2 ESTÁGIO EM ARTETERAPIA

3.2.1 Metodologia e funcionamento

Os encontros foram realizados uma vez por semana com duração de aproximadamente três horas para cada um dos dois grupos (um chamado 'Alfa' e outro 'Beta'). Cada grupo, ao início, contava com seis integrantes, houve desistência

¹¹ Trecho obtido do espetáculo SUSSURROS, 2011.

¹² Trecho obtido do espetáculo SUSSURROS, 2011.

de dois, restando cinco em cada grupo, isto é, encerrando com o total de dez pessoas.

O processo se iniciou de forma expositiva sobre a Arteterapia e apresentação de cada um, enveredando para uma atividade de recorte e colagem em cartolina, onde os integrantes deveriam selecionar imagens em revistas que gostavam e não gostavam, criando um paralelo em cartazes. Além de diversas revistas, foram disponibilizados, canetinhas, giz de cera, tinta guache, tinta acrílica, pincéis, lápis de cor, lápis grafite, borracha, cola, tesoura e fita adesiva. Todos realizaram a atividade, cada um ao seu ritmo, com sua respectiva vontade e expuseram sua obra de forma oral.

A atividade seguinte se constituía em eleger dois elementos principais do cartaz, um representando o que gostava e outro o que não gostava, após, foi disponibilizado, uma folha de papel vegetal, lápis grafite e borracha. Eles deveriam copiar as imagens nas extremidades de cada folha, após, observá-las com a folha aberta e finalmente em sobreposição, criando reflexões sobre o que foi visto e entendido com as novas imagens experimentadas.

Em seguida, utilizamos movimentos que representassem a dualidade entre as duas imagens selecionadas na atividade anterior. De forma não verbal deveriam ser criadas coreografias para si, no primeiro momento e para ser apresentada em seguida para os demais. O que vai de encontro à fala de Moreno (1975, p. 273):

O terapeuta da dança foi diferenciado em duas categorias: o ator-dançarino que dança para curar-se – autocatarse – e o ator-dançarino que dança para representar um grupo de expectadores, os quais co-experimentam com ele o desempenho da dança – catarse coletiva. (MORENO, 1975, p. 273).

Foi realizada também, uma atividade de vínculo e integração do grupo que se constituía em criar uma 'oração'. Cada grupo ficou com uma folha de sulfite que foi dobrada em leque. Cada indivíduo deveria escrever uma frase que viesse a cabeça em um dos lados, deixando a última palavra na próxima dobra, para que o integrante seguinte escrevesse sua frase iniciando-a a partir da palavra já escrita e assim sucessivamente, até que todos tivessem criado suas frases. A seguir, temos o

resultado da atividade, onde as palavras sublinhadas são as que deram liga entre as frases, isto é, são as que ficaram para que o próximo integrante continuasse.

Oração do grupo Alfa (vide Anexo A):

“Apesar de ter todo um preenchimento, o vazio me permite alcançar MAIS não se esqueça de que o bem e o mal sempre vão reinar na sua vida, basta você decidir o que irá SEGUIR em frente sem medo de cometer ERROS tornam sua pele mais forte, mais difícil de CORTAR às vezes é preciso se desfazer de algo para CRESCER com a falta ou a presença de alguém, deixando a tristeza de lado”, que gerou a suma: “Seguir demais os erros, corta o crescimento”. (informação verbal) ¹³.

Oração do grupo Beta (vide Anexo B):

“Pra mim, tudo está envolvido com a AMIZADE que a vida me levou só me fez querer VIVER, sentir, crescer... Tudo faz parte da minha vida, mas me assusto com o AMOR as coisas que me completam, um sentimento vazio ao que não me AGRADA ou não agrada, isso não importa mais! Não precisa agradar as pessoas para sentir-se bem e ser feliz, só precisamos ser nós MESMOS rosto, mesmas pessoas... Tudo tão cansativo... O lado bom é que venho aprendendo a dar valor aos pequenos momentos de felicidade”, que gerou a suma: “Amizade é viver com amor que agrada a nós mesmos”. (informação verbal) ¹⁴.

Nos encontros seguintes, foi experimentado o processo de criação, escrita e leitura dos textos individuais criados a partir a sensibilização vivida nos encontros anteriores. Neste momento, houve uma verticalização muito forte na participação da maioria dos integrantes, pois foi achado um canal de comunicação sensível que possuía um potencial muito interessante, pois “o relator consegue situar-se como autor de sua própria cena e sair do lugar de objeto passivo do sofrimento que aquela cena lhe havia produzido no passado” (FERNÁNDEZ, 2010, p.45). Ficou claro que se faz necessário entender, compreender, fazer parte daquele grupo para viver e reviver situações pertinentes a eles. Muitas vezes seguimos receitas, cronogramas e/ou modelos pré-estabelecidos para atividades em tratamento que não são

¹³ Oração elaborada pelo grupo Alfa, para criação de vínculo e integração do grupo.

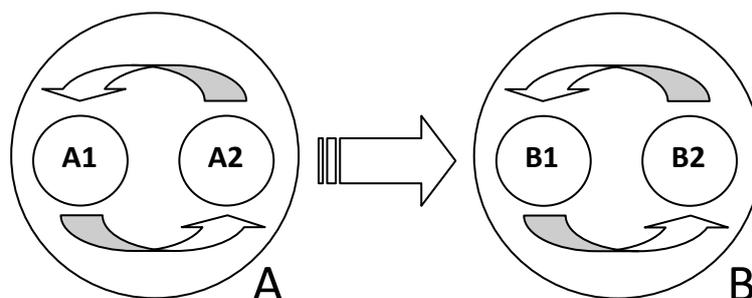
¹⁴ Oração elaborada pelo grupo Beta, para criação de vínculo e integração do grupo.

eficazes, pois não atingem aquele público. Antes mesmo de diagnosticar ou intervir, se faz necessário conhecer, se permitir, se impregnar de tudo aquilo com empatia, sem esquecer seu papel de observador/pesquisador. É preciso entender o que aquela tribo quer falar e dar subsídios para que o processo ocorra com sucesso.

Em ‘experiências a partir de sussurros’, os integrantes escreveram uma carta e a partir dela foi criado um texto em comum, derivando da linguagem do Psicodrama chamada ‘tipo não-confessional’, isto é, as cenas são representadas por outras pessoas, havendo ou não, segregação dos autores. Neste novo processo, a criação foi um pouco mais autônoma e intimista, pois esta dinâmica faz correlação com o ‘tipo confessional’, melhor explicado nas palavras de Moreno (1975, p. 382): “As pessoas presentes foram encorajadas a passar ao ato seus próprios problemas, num palco, com toda a fidelidade, ou a discutir a representação no que se refere a seus próprios problemas”. Com isso, o indivíduo fez uma viagem em si próprio, experimentou racionalmente situações reais e emocionais com recursos utilizados no Psicodrama, não como receita, mas como base e/ou referência.

Moreno (1975, p. 234) diz que “os atores-pacientes podem, é claro, tornar-se autores de seu próprio teatro, e ensaiá-lo antecipadamente em colaboração. Isso poderá proporcionar-nos uma melhor introversão dos problemas pessoais”, então, após a criação dos textos, os integrantes se organizaram em duplas e cada um foi a réplica do outro, isto é, todos criaram diálogos, ainda considerando, Moreno (1975, p. 234) quando diz que “a catarse de uma pessoa, depende da catarse de outra pessoa”. A fim de sistematizar a dinâmica de funcionamento desta atividade, segue o esquema a seguir criado para este processo:

ESQUEMA – APLICAÇÃO DRAMÁTICA CRIADA PARA O ESTÁGIO



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

Temos a dupla 'A' e 'B', onde o indivíduo 'A' que criou dois personagens ('A1' e 'A2'), o indivíduo 'B', que criou outros dois personagens ('B1' e 'B2'). Cada integrante viveria seus dois personagens e também contaria com a inversão de papéis, totalizando quatro personagens para cada.

A catarse principal se dá quando o autor da cena (indivíduo 'A') vive o personagem 'A1' que é sua própria representação e 'A2', que é sua réplica. Representando a réplica 'A2', o indivíduo 'A' consegue ver a si próprio em terceira pessoa. A segunda catarse acontece quando existe a empatia na realização da cena do seu parceiro, onde existe o 'colocar-se no lugar do outro', onde acontece a experimentação de situações não vividas por si, mas uma grande identificação, devido ser comum à realidade local deste grupo, bem como os sofrimentos mentais¹⁵ corriqueiros a esta faixa etária, ligados principalmente a questões existenciais e ao autoconhecimento. Segundo Stan Kutcher, (neurocientista Canadense, 2012) uma em cada cinco pessoas sofre de uma doença mental, o que corresponde 20% da população e o impacto maior está em seus sentimentos e emoções, uma vez que sofrimento mental gera doença mental.

Na sequência, foi realizada conversa entre os protagonistas e o público sobre as apresentações e as vivências individuais e coletivas. Os autores das cenas tiveram bastante voz para falar sobre si e sobre suas produções, de maneira a qual não acontecia no começo dos encontros que gerou uma vontade grande de aprender mais, experimentar mais, viver mais, então espontaneamente, todos começaram a cantar a música "Epitáfio", da banda Titãs, composta por Sérgio Britto, (vide Anexo P).

Compreendendo que o acaso, foi a Arteterapia que apareceu na vida destes jovens, que eles aprenderam a se preocupar menos com problemas pequenos (considerados pequenos somente a pós-elaboração dos mesmos), fica claro que a aprendizagem não se dá apenas no âmbito escolar e que os problemas de aprendizagem, quanto se tratando de indivíduos sem problemas orgânicos, são relacionados a sofrimentos mentais.

¹⁵ Sofrimento Mental se consiste em angustia, ansiedade, tormento, aflições, sofrimentos físicos ou psíquicos.

O último momento do estágio foi marcado pela retrospectiva do processo, pela visualização dos vídeos gravados, registro de depoimento e montagem de um grande painel em papel *craft*, onde cada integrante deixou sua marca com as mãos, gerando a obra a seguir, que marcou encerramento do nosso ‘percurso em arteterapia’, derivação esta de título de livros da querida Selma Ciornai.

FOTOGRAFIA 4 – PAINEL DE ENCERRAMENTO



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

3.2.2 Os pacientes

Os pacientes a seguir, são uma amostragem do estágio realizado no Centro Cultural ArenArt de Artur Alvim com 12 jovens¹⁶ de idade de 12 a 21 anos da zona Leste de São Paulo. É utilizada a terminologia “paciente”, pois para estes, se faz necessário suportar lidar com a dor, dificuldades e provocações.

3.2.2.1 Caso Paciente “B”

A paciente “B” desde a primeira sessão se mostrou bastante tímida e fechada, executou as atividades práticas e manuais, porém, apresentou dificuldades para expressar o que havia em suas produções, bem como explorar criação de texto e apresentação dos exercícios psicodramáticos.

No cartaz, colocou a esquerda, coisas que gosta e a direita, coisas que não gosta e pintou todo o fundo de azul. Criou paralelo com a transparência selecionando a imagem de uma família idealizada e em paralelo, um rosto triste.

¹⁶ Diversos autores brasileiros e instâncias governamentais em diferentes níveis têm utilizado frequentemente a definição das Nações Unidas para juventude (faixa etária de 15 a 24 anos de idade), ou população jovem para a faixa etária de 10 a 24 anos de idade, que é mais abrangente em termos geracionais, perpassando o conceito de infância, adolescência e juventude.

FOTOGRAFIA 5 - COLAGEM PACIENTE "B"

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FIGURA 1 - TRANSPARÊNCIA PACIENTE "B"

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

Na atividade de traduzir esta dualidade em movimento, procurou não se expor muito, adorando movimentos simples, rápidos e racionalizados evitando se acessar.

Ela optou em não realizar a experiência psicodramática.

No trabalho com argila, durante boa parte do tempo, ficou observando as demais pessoas. Na primeira modelagem, disse ter ficado parecido com uma estrela do mar e durante o modelar, sentiu a necessidade de furá-la com o lápis. Fez vários furos como se estivesse com raiva por estar acessando algo ou apenas devido ao valor estético que não foi possível abstrair neste processo. Os furos feitos foram pintados de azul.

Para todas as ações, formas e desenhos, ela sempre disse que não sabia o motivo, não sabia o que era e também não buscava modos de argumentar.

A segunda forma, durante a modelagem, ela criou um boneco deitado, que rachou na secagem, ela então, tentou grudá-lo mantendo-o sentado, porém, sem sucesso. Mais uma vez mostrou-se bastante aflita por conta de não ter conseguido produzir algo que ficasse perfeito. Durante a conversa simbólica, disse: "Ele quebrou novamente e vai ficar assim se ele quer ficar assim ou se libertar, vou deixar!". Esta foi a única fala que houve um pensamento simbólico ou uma projeção clara, muito provavelmente devido ser a mais nova dos pacientes e que muitos sofrimentos da faixa etária jovem e adolescente ainda não a atingiram fortemente.

FOTOGRAFIA 6 - ARGILA PACIENTE "B"

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

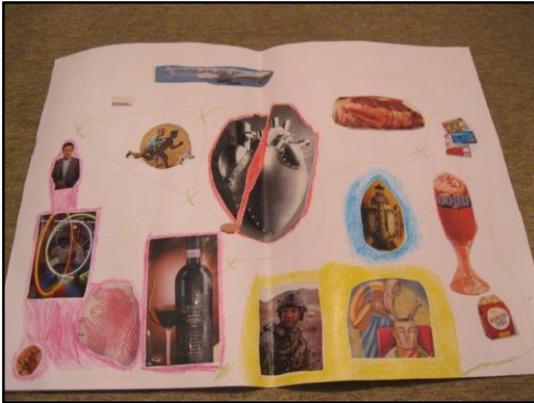
FOTOGRAFIA 7 - ARGILA PACIENTE "B"

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

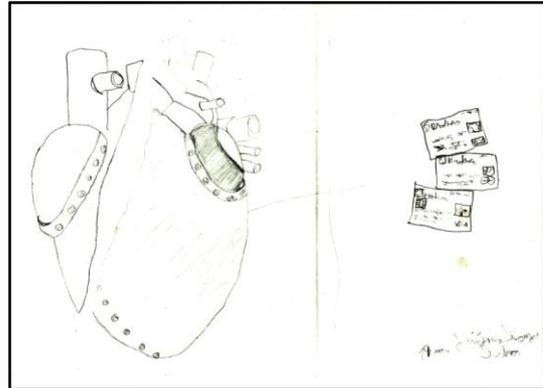
Ela comentou também que em tudo que está fazendo, tem a cor azul que apareceu em todas as suas atividades. Segundo Chevalier (1906, p.107) “O azul é a mais profunda das cores: nele o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo, perdendo-se até o infinito, como diante de uma perpétua fuga da cor”. Esta fuga representada pelo azul está presente em si mesma, na timidez, no conceder-se, no fechar-se em si mesma, na inércia da latência vivida na infância, daí a vontade de furar, abrir, erguer, andar.

3.2.2.2 Caso Paciente “D”

O paciente “D” iniciou com bastante disponibilidade e a primeira imagem que ele selecionou, foi a de um coração de aço, hermeticamente fechado, porém, se dividia em dois no vinco da revista e para aproveitá-lo, foi preciso rasgá-lo ao meio. Simbolicamente falando, foi exatamente isto que o processo fez com este paciente para que possibilitasse a entrada nos sentimentos que tanto o confundiam. Em psicologia muçulmana, segundo, “o coração sugere os pensamentos mais escondidos, os mais secretos, os mais autênticos, a base da natureza intelectual do homem” (CHEVALIER, 2009, p. 283) e foi neste rompimento, logo no primeiro encontro que ocorreu um forte contato consigo mesmo.

FOTOGRAFIA 8 - COLAGEM PACIENTE "D"

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FIGURA 2 - TRANSPARÊNCIA PACIENTE "D"

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

Na transparência, ele elegeu o coração partido em contraponto aos cartões de crédito, que para ele representava a necessidade de autocontrole, coisa que afirmou não gostar.

Na atividade psicodramática, expressou sua inquietação relacionada sua postura estática em relação às oportunidades perdidas e que deveria pensar menos e agir mais, surgiu à menção de ter alguém cuidado do seu coração e que alguém voltaria provavelmente fazendo referência a recente aproximação de sua mãe ausente.

No trabalho com argila se deu um dos mais fortes exemplos de uniformidade em todo o processo, onde uma única problemática foi conduzida durante o estágio todo. Com este paciente, ficou evidente que as pessoas possuem tempos diferentes e materiais diferentes para acessarem seus sentimentos. Enquanto alguns, logo na primeira abordagem, trataram e elaboram seu questionamento central em uma atividade dando espaço para novas 'angústias', o "D" precisou de todos e outros, precisarão de alguns mais.

**FOTOGRAFIA 9 - ARGILA PACIENTE "D"
VERSO**



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

**FOTOGRAFIA 10 - ARGILA PACIENTE "D"
FRENTE**



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

A primeira modelagem trouxe a dualidade do conflito interno que se encaixa em ID e Superego, representada pela disputa entre duas forças que tentam se acomodar para formação do Ego. Comportamentalmente, aparece também o desejo Eros e Tanatos, que é a vontade de vida e morte (CLARET, 1985, p.32). Estes são sentimentos inerentes ao ser humano, Shakespeare já abordava estes conceitos em Hamlet com frase “*ser ou não ser, eis a questão*” e explorando um pouco mais, temos no cristianismo e eterna briga entre Deus e o diabo, também representados em desenhos infantis por um anjo bom e um anjo ruim.

Nestas imagens, isto fica fortemente visível, tanto da dualidade das cores, quando do próprio objeto criado que tem dois lados e um deles está gritando, possivelmente simbolizando o grito de guerra que está instaurado neste indivíduo.

O padrão da dualidade persistiu na modelagem a seguir e começou a gerar mais dúvidas em relação inclusive a uma possível disfunção hormonal. O “D”, embora bastante alto, é um rapaz sensível, delicado, usa cabelos cumpridos muito bem tratados e possui um considerável aumento nas mamas, isto sendo notado pelo volume na camiseta, ainda reafirmado por sua fala em relação ao seu processo: “digamos que essa parte que não consegui entender eu quero deixar incógnita...”

pode fazer parte de mim se eu descobrir vai estragar a surpresa”. Mesmo assim, foi sugerida uma consulta a um endocrinologista.

**FOTOGRAFIA 11 - ARGILA PACIENTE “D”
VERSO**



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

**FOTOGRAFIA 12 - ARGILA PACIENTE “D”
FRENTE**

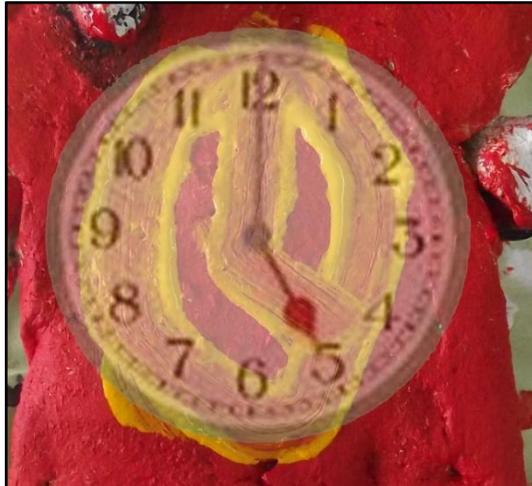


Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

Com a segunda fotografia acima, surgiu uma afirmação do paciente que ele não gostava do seu olho direito e que queria arrancá-lo. Ainda contaNdo com a sincronicidade, Chevalier (1906, p. 654) diz que “tradicionalmente, o olho direito (Sol) corresponde à atividade e ao futuro, o olho esquerdo (Lua) à passividade e ao passado”. Mais uma vez a dualidade aparente entre cores, atividade e passividade, Sol e Lua, futuro e presente.

Na vontade de arrancar o olho direito, então, pode representar a falta de vontade de agir, de estudar e de viver, muitas vezes está presente em sua realidade e que há uma estima muito forte pelo dormir e comer apenas.

Os chineses consideram o coração como correspondente ao número cinco. A partir disto, conseguimos achar um possível significado para o símbolo feito nas costas do boneco de argila: um relógio que marca a hora de número cinco, compreendido pela sobreposição feita na figura a seguir.

FIGURA 3 - MONTAGEM SOBRE ARGILA PACIENTE "D"

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

O mais interessante é que houve um evidente apaziguar dos sofrimentos mentais, um reforço de autoconhecimento e a descoberta de que, segundo sua própria fala, pode ter “vontade de só fazer o que tenho que fazer agora e do resto só espera”.

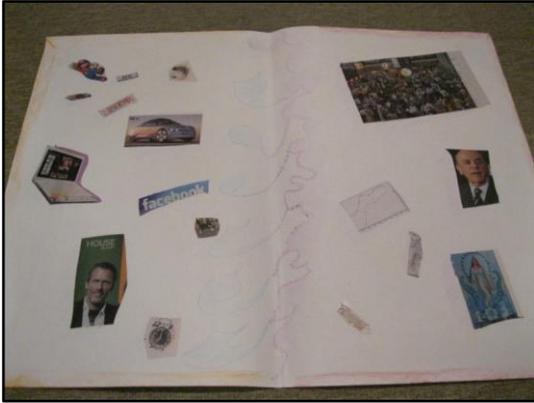
3.2.2.3 Paciente “F”

O paciente “F” começou um pouco resistente, apresentando necessidade de observar e analisar os demais, quando o foco seria se permitir e olhar pra si próprio. A atividade de colagem buscou imagens comuns e óbvias, provavelmente como mecanismo de defesa, que só foram mais bem compreendidas depois da atividade com a transparência, onde ele selecionou o relógio e a figura da morte. Neste momento, ele selecionou um sofrimento que não foi bem elaborado, que foi a morte do seu tio que estava doente. O “F” fez uma promessa para ele, quando pequeno, de que não choraria com a sua morte, pois não gostava que ele chorasse, desde então, “F” afirmou nunca mais ter chorado.

Violências e perdas das figuras de apego, na infância, ocupam lugar de destaque na produção de sintomas. Mecanismos de defesa podem redundar em ausência de sentimentos e emoção, ou ainda, a doenças psiquiátricas e desvios de caráter. (BOWLBY, 1993, p.233)

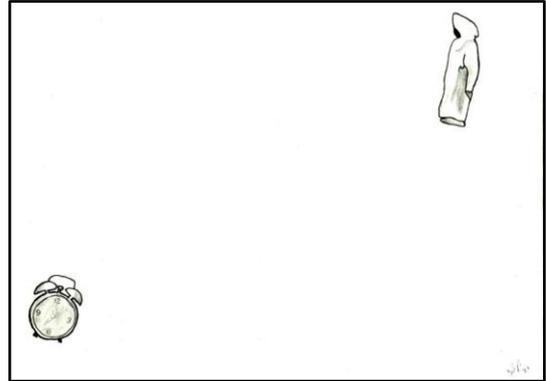
Daí o aprisionamento do choro durante muitos anos, que foi resgatado ou reaprendido nas sessões.

FOTOGRAFIA 13 - COLAGEM PACIENTE "F"



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FIGURA 4 - TRANSPARÊNCIA PACIENTE "F"



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

Na experiência psicodramática, representou a promessa feita para o seu tio falecido, resolvendo e elaborando de outra forma o que guardou pra si e nunca comentou com ninguém.

Na atividade de argila, o "F" chamou suas produções de "meus eus de barro", uma das peças, o gigante camuflado que se levanta, de "eu de fora" e a outra, o cachorro, de "eu de dentro", que é puro e que briga com a razão.

Este "eu de fora" pode ser lido como o que se camufla, se esconde, se omite, não mostra ou não se permite chorar que possivelmente está se erguendo no processo. E o "eu de dentro", o que está banhado pelo inconsciente, que é puro, branco, sente, mas está amarrado por um cordão preto, como se este cordão pesasse fazendo com que o objeto pendesse para baixo. (informação verbal) ¹⁷.

¹⁷ "Eu de dentro e eu de fora", obtido pelo próprio paciente no estágio de Arteterapia ArenArt, 2012.

FOTOGRAFIA 14 - ARGILA PACIENTE "F"



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FOTOGRAFIA 15 - ARGILA PACIENTE "F"



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

3.2.2.4 Caso Paciente "Ga"

A paciente "Ga" começou com bastante expectativa e se emocionou muito durante todo o processo, ela já chegou bastante sensibilizada. Foi bastante enfática em dividir as coisas que gosta de um lado e as que não do outro, pintando de azul as positivas e apenas circulando de vermelho as negativas. Esta foi uma paciente que também apresentou grande unidade em sua produção.

Trabalhamos muito em cima do significado de família para ela, no primeiro momento, apontou esta instituição como algo que não gostava, muito fortemente. Polity (2001, p.42) diz que: "os padrões de repetição determinam a formação e/ou rompimento de vínculos afetivos, influenciando sobremaneira no funcionamento e na hierarquia familiar", levando-se em consideração a hierarquia, entendemos que não existe uma referência positiva de um padrão a ser seguido.

Na transparência, selecionou um troféu e a família como opostos e ao vê-los em sobreposição dobrando a folha transparente, chegou à conclusão que família e sucesso caminham juntos e que precisaria se esforçar, estudar, se permitir para alcançar seus objetivos e sucesso.

O interessante é que no decorrer do processo, sentiu a necessidade de incluir também uma seleção azul a esta família, dizendo que ela não estava feliz com a que tinha, mas que poderia construir a dela. Vale ressaltar que o texto selecionado em

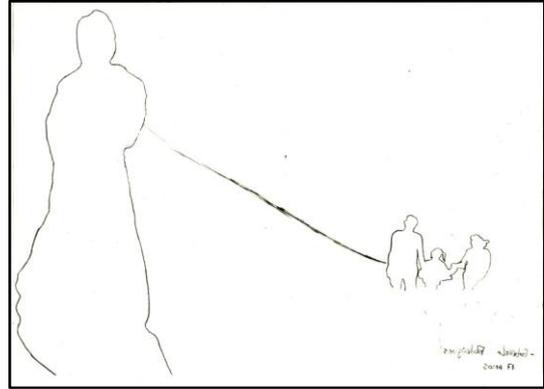
‘experiências a partir de Sussurros’, conta em psicodrama, a história familiar desta paciente.

FOTOGRAFIA 16 - COLAGEM PACIENTE “Ga”



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FIGURA 5 - TRANSPARÊNCIA PACIENTE “Ga”



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

A vivência psicodramática, ela resolveu viver diversas situações de perda, chorando em todas elas: viveu sensações de solidão, de sentir-se sem amigos, dificuldade em dividir atenção com amigos e namorado, situações de timidez que fez com que ela perdesse oportunidades e finalmente, um diálogo com seu pai ausente. Durante este processo, disse que achava que não conseguiria realizá-lo, afirmou que era muito mais fácil fazer as cenas com os outros, do que a sua própria. Que sentiu vontade de sumir para não se tocar ou falar de si. Antes de apresentar a cena, foi preciso escrevê-la e ela disse que só conseguiu ter criatividade durante o banho, momento este de limpeza, fato este de banho citado por Chevalier (2009, p. 120)

Na primeira modelagem com argila, ela já estava com uma elaboração diferente de sua realidade reafirmada pela sua fala: *“eu gosto de mostrar de onde vim e do que fui feita”*, se referindo a primeira imagem acima. Na segunda, disse que as coisas já estavam mais claras em sua cabeça e que era composta de duas coisas: profissional e familiar, afirmou estar feliz por estar no topo e que na base, estão o coração e o livro, que são o que a move, ressaltando que os furos são os problemas que enfrentou e que não conseguiram derrubá-la.

FOTOGRAFIA 17 - ARGILA PACIENTE "Ga"

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FOTOGRAFIA 18 – ARGILA PACIENTE "Ga"

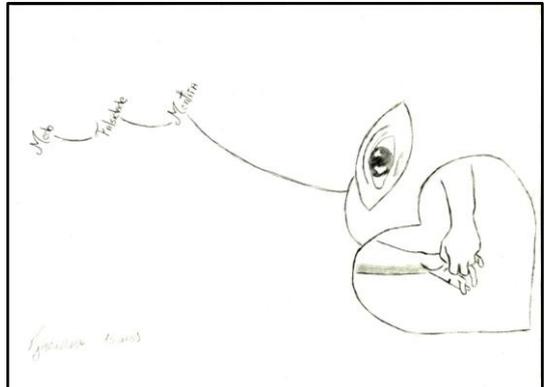
Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

3.2.2.5 Caso Paciente "Gi"

A paciente "Gi" fez o trabalho de colagem se preocupando muito em deixar o que é ruim cercado de vermelho em formas nebulosas. Toda a sua representação, inclusive na transparência, tratava fundamentalmente de inquietações em sobre seu relacionamento amoroso. As falas circulavam entre a necessidade de impor limites, de ter medo e gostar ao mesmo tempo e que desistir sempre vai ser o mais fácil, sendo que desistir era algo que afirmou não gostar.

FOTOGRAFIA 19 - COLAGEM PACIENTE "Gi"

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FIGURA 6 - TRANSPARÊNCIA PACIENTE "Gi"

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

Ela aparentou ter *insights* durante o processo, mas tudo ficou muito guardado pra si só. Nem os demais integrantes do estágio conseguiram adentrar nas experiências que ela vivia sozinha. Provavelmente seria preciso mais tempo para conseguir compreender o que se passava em sua totalidade. O mais importante é que ela se mostrou feliz e animada na elaboração destes problemas.

A vivência psicodramática mostrou também o medo e a necessidade de estabelecer limites, na verdade, com a cena que foi possível estabelecer os argumentos acima sobre suas atividades.

FOTOGRAFIA 20 - ARGILA PACIENTE "Gi"



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FOTOGRAFIA 21 - ARGILA PACIENTE "Gi"



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

Na produção com argila, ela falou bastante sobre um renascer ou nascer do Sol, representado nos dois lados da sua produção, ambas com um coração no topo, ressaltando sua sensibilidade e atual vivência amorosa. A segunda modelagem, que não foi pintada por opção da paciente, pareceu uma planta germinando em um vaso pequeno, provavelmente fazendo relação com a figura da sua mãe que supostamente a segura demais em casa com atividades domésticas e profissionais. Motivos estes que a levaram a faltar em algumas sessões.

3.2.2.6 Caso Paciente "K"

A paciente “K” utilizou bastante informação na sua suposta colagem, sentiu a necessidade de cores bastante expressivas para representar a dualidade em seu cartaz. Interessante é que ela também faz isso consigo mesma na forma de vestir e com o cabelo. Diferentemente dos demais integrantes, ela colocou todas as colagens nas extremidades diagonais da cartolina, pintando com os dedos todo o restante do espaço criando algo esteticamente, muito bonito.

Porém, foi na transparência que ela começou a acessar algo forte quando criou paralelo entre o esforço do trabalho e a suavidade do carinho e do afeto, também representado pela movimentação corporal realizada posteriormente.

FOTOGRAFIA 22 - COLAGEM PACIENTE “K”



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FIGURA 7 - TRANSPARÊNCIA PACIENTE “K”



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

A vivência psicodramática mostrou diversos conflitos, o diálogo foi consigo mesmo, e o ego auxiliar, foi à personificação do superego. Foi abordado o medo relacionado a problemas familiares e com relacionamento amoroso. Em relação a produção textual para esta cena ela falou: “nada que coloco no papel me parece satisfatório, ou sincero o suficiente” e ainda “sempre parece que estou escondendo algo de mim mesma”, reafirmando o seu perfeccionismo.

Na atividade com argila, se representou intacta no meio de um vulcão em erupção e afirmou que seu maior desafio estava no muro que a dividia de seu grande objetivo, desconsiderando a tormenta da erupção a sua volta, que representava a problemática atual vivida na dramatização.

O muro tinha o indicativo “no”, que significa “não” em inglês, então falamos sobre a possibilidade de dar a volta neste muro, uma vez que ele não fechava por completo o caminho e que a escrita “no”, se virado ao contrário, poderia ser “on”, que no inglês significa ligado ou ligar.

FOTOGRAFIA 23 - ARGILA PACIENTE “K”



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FOTOGRAFIA 24 - ARGILA PACIENTE “K”



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

3.2.2.7 Caso Paciente “La”

O processo com a paciente “La” foi bastante diferente, pois a cada atividade, algo novo aparecia e se resolvia muito precocemente. Há de se levar em consideração a grande disponibilidade, força de vontade e o quanto acreditava no que estava vivendo. O potencial de leitura simbólica dela também a ajudou muito.

FOTOGRAFIA 25 - COLAGEM PACIENTE “La”



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FIGURA 8 - TRANSPARÊNCIA PACIENTE “La”



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

A grande catarse aconteceu na vivência com a transparência, onde ela fundiu duas imagens chegando a conclusão de que o medo estava a atrapalhando demais na busca por seus objetivos. A partir do momento que ela entendeu o medo como seu principal adversário, trabalhou apenas em cima disso e no encontro seguinte, retornou com um sorriso gigante dizendo que teve coragem de ir atrás e participar de um processo, do qual a resposta foi positiva.

Na vivência psicodramática, ela realizou um diálogo com o medo que tanto lhe preocupava e atrapalhava. Representou quase um exorcismo deste medo e invertendo os papéis, se tornando mais forte que este sentimento.

Na atividade com argila, ela estava bastante tranquila e acabou fazendo do processo uma grande brincadeira, um entretenimento, mas mesmo assim, encontrou significados e significantes interessantes e bastante ricos.

FOTOGRAFIA 26 - ARGILA PACIENTE “La”



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FOTOGRAFIA 27 - ARGILA PACIENTE “La”



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

A primeira imagem, disse ser um “animal” que cada pessoa quisesse ver, com juba colorida e que seria a flexibilidade que existe nela, complementou dizendo que este foi um fazer involuntário, que foi mais fácil do que pensar. A segunda foi a “censura” com os olhos fechados representando tudo àquilo que as pessoas querem fazer dela: um modelo de perfeição que não pode errar, falar ou sentir. Em cima da cabeça tinha um cesto cheio de bolinhas que segundo ela, representava o peso de ter muita coisa na cabeça e este cesto na hora de pintar, caiu, fazendo com que compreendesse que a queda ocorreu, pois não deveria estar lá, que estes

problemas e pensamentos não faziam parte dela. A terceira foi uma “borboleta”, que afirmou ter sido um “bônus” para completar, que foi feita por espontaneidade, que ocorreu por vontade e que representa uma mutação, uma saída do casulo para reconstruir seu lado emocional.

3.2.2.8 Caso Paciente “Lu”

O paciente “Lu”, provavelmente foi o maior desafio deste processo, pois tem um mecanismo de defesa muito forte que o impedia de tornar seus pensamentos e opiniões, algo prático, tangível e concreto. Pairava constantemente pela filosofia e subjetividade não tocando tudo que pensava a fim de tornar toda esta riqueza de pensamento, algo aplicável.

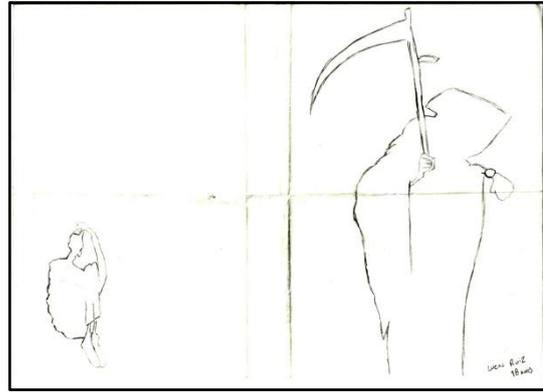
Este turbilhão de pensamentos e opiniões apareceu, não só nas conversas iniciais, mas também na sua colagem no cartaz, onde a difusão e fragmentação são muito fortes, inclusive na projeção de si, que é o boneco ao centro feito a partir de vários recortes compondo seu corpo.

Na transparência, selecionou um menino pensando, e a figura da morte, ele mesmo comentou que o menino e a morte estão apenas esperando. Morte esta, que tem inúmeras significações e que segundo Chevalier (1906, p. 622) é a “libertadora das penas e preocupações, ela não é um fim em si; ela abre acesso ao reino do espírito, à vida verdadeira”, então, esta ansiedade de uma vida nova estava sendo um sofrimento mental que o impossibilitava de reconhecer e formatar possibilidades na vida real que muitas vezes se distanciam do plano das ideias.

FOTOGRAFIA 28 - COLAGEM PACIENTE "Lu" FIGURA 9 - TRANSPARÊNCIA PACIENTE "Lu"



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

A experiência psicodramática foi extremamente exaustiva para ele, pois foi preciso criar uma ação repleta de sentimentos a partir do que estava pensando, surgindo a seguinte fala dele: “eu aparentemente já racionalizei demais todos os problemas que eu tenho pra colocar qualquer emoção neles”. Mesmo com esta certeza mascarada, na encenação, surgiram questões existenciais, sofrimentos com o fato de a mãe ser ausente e só pensa em trabalhar, que prefere se enganar a permitir que alguém o engane e que fundamentalmente, criou tantos personagens que não sei mais quem é, o que faz com que se sinta extremamente sozinho. Além da forte vontade de não ser como seu pai, também ausente, o que denota um forte indício de que o complexo de Édipo não foi devidamente resolvido, conforme argumenta Reis (1984, p. 39).

Na atividade com argila, as duas produções fizeram alusão à máscara e a *gestalt* do rosto humano. A primeira foi espontânea, realizada com olhos fechados, gerou a imagem que segundo ele, tem olhos que estão entre assustadores e assustados e a segunda, foi a que ele quis fazer conscientemente, porém a que alegou não gostar, por apresentar olhos sinceros e desfocados. Esta última tem apenas o nariz de palhaço como máscara. Vale ressaltar que o paciente, utiliza com frequência o nariz de palhaço em sua vida, seja por atividades de entretenimento, ou não. O nariz de palhaço é a menor máscara que existe. Chevalier (2009, p. 596) diz que “a mascara não esconde, mas revela” e ainda que “concebe-se também que a psicanálise tenha por objetivo arrancar as máscaras de uma pessoa, para colocá-la na presença de sua realidade profunda”, daí a necessidade de apresentar o verso da máscara em sua atividade de argila.

FOTOGRAFIA 29 - ARGILA PACIENTE “Lu”



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FOTOGRAFIA 30 - ARGILA PACIENTE “Lu”



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

Pensar nas partes separadamente, muitas vezes não faz com que vejamos ou tenhamos a noção do todo, principalmente quando mascaramos ou usamos personagens como proteção para si e/ou mostrar aos demais. Por de trás desta fragmentação e destas máscaras está a vontade de saber quem é ou simplesmente permitir-se ser quem é.

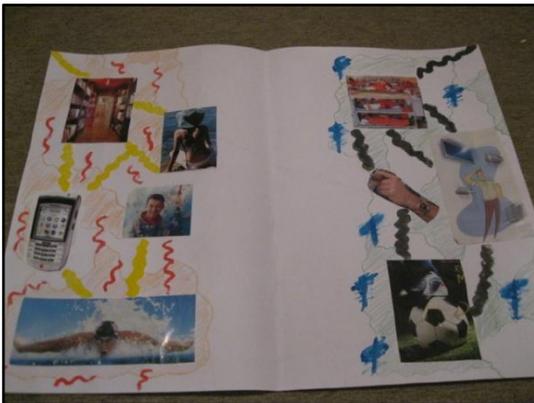
Coutinho (2009, p. 84), diz que “ao colocar uma máscara e se ocultar, o sujeito pode permitir o desmascaramento de alguns afetos e comportamentos que não ousa revelar quando trás o rosto exposto”. Defrontar-se com sua projeção e com a leitura simbólica que ela trás, tornou-se algo dolorido, pois mostrou o quão sincero pode ser e o quão desfocado tem se mostrado, a partir de seus olhos desfocados, o que vai de encontro à fala do paciente: “Lembrei de que o elástico do meu nariz estourou e eu realmente notei que diferença aquela relíquia faz... parece que funciona como catalisador...”.

3.2.2.9 Caso Paciente “N”

A paciente “N”, se apresentou bastante quieta durante os encontros e afirmou que gostaria de saber se expressar mais, só que era muito difícil. Isto foi notado também na forma com que fala: baixinho, delicada.

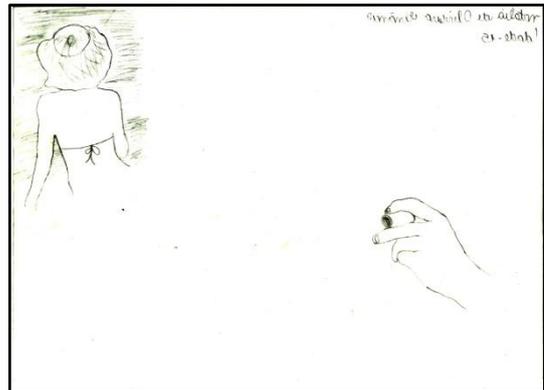
No cartaz, representou o que gosta circulado de cores quentes e o que não gosta, de cores frias e na transparência, selecionou a figura feminina de costas e uma mão com um charuto.

FOTOGRAFIA 31 - COLAGEM PACIENTE "N"



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FIGURA 10 - TRANSPARÊNCIA PACIENTE "N"



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

Durante a conversa, foi feita a leitura dos símbolos e comentamos sobre as possíveis motivações da seleção de uma mulher de costas e do charuto extremamente fálico, além do gigante espaço branco deixado no meio do cartaz diante desta dualidade.

Na vivência psicodramática, representou uma conversa com sua consciência chegando à conclusão que era ela que a deixa inquieta, que a usa para criar dimensões, mundos diferentes. A personagem que chamou de consciência, representava o diálogo real que ela estava fazendo com seu inconsciente. Na cena, a personagem fez com que a paciente dissesse que muitas vezes as suas máscaras caem, e outras ela mesma arrancava dando a conotação que representava boa parte do tempo em sua própria vida.

Na atividade com argila, compôs uma bola com dois lados, duas faces, sendo que uma delas intitulou de confusa. Disse que ele (se referindo ao boneco/bola) perdeu todos os sentidos: olhos, nariz, boca, orelha, provavelmente representando a queda dos sentidos e de suas máscaras e se questionou se não olhava as coisas direito, se não falava o que quer ou se não escutava certas coisas.

FOTOGRAFIA 32 - ARGILA PACIENTE "N"

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FOTOGRAFIA 33 - ARGILA PACIENTE "N"

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

Em relação à segunda modelagem, disse que parece um órgão genital masculino, mas que na verdade era um órgão genital feminino e que achava que escondia sua feminilidade, gerando um reconhecimento mais forte da mulher bonita que ela tem mascarado em sua infantilidade para se proteger.

FOTOGRAFIA 34 - ARGILA PACIENTE "N"

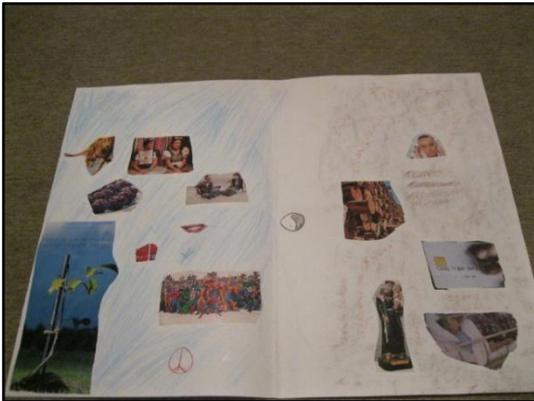
Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

3.2.2.10 Caso Paciente "R"

A paciente "R", mostrou-se bastante disponível e expansiva, se sensibilizando desde o primeiro encontro. Nas suas primeiras produções estavam muito presentes os impulsos de vida e de morte e a dualidade deles, que se reafirmaram na transparência e sua fala sobre a seleção do sorriso em contraponto a pessoa enferma, que após, conversa, foi identificada que se tratava da sua avó falecida.

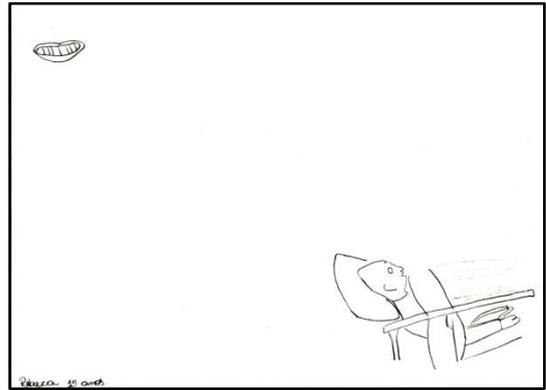
Sempre bastante emocionada, em todas as atividades e com uma vontade muito grande de se entender e entender o que se passava dentro de si, disse que era muito egoísta da parte dela ficar chorando e sofrendo a morte de sua avó, sendo que naquela situação, era o melhor. Este *insight* surgiu quando ela dobrou a transparência sobrepondo o sorriso e a pessoa deitada.

FOTOGRAFIA 35 - COLAGEM PACIENTE "R"



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FIGURA 11 - TRANSPARÊNCIA PACIENTE "R"



Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

Com o exercício psicodramático, ela dialogou com o ID e o Superego, criando uma triangulação bastante interessante, muito parecida com o que é feito desenhos com o 'anjinho' e o 'diabinho'. Um dizia que ela sempre fez tudo certo em ter postura calma, tranquila e sorridente, e outro a orientava a responder e demonstrar seus sentimentos, independente se machucasse alguém. A paciente disse que muitas vezes abria mão de suas vontades e impulsos para agradar os outros a fim de aprovação e como ela mesma disse, "arrancar sorrisos", fazendo com que sua autoconfiança se perdesse, sentindo que mesmo rodeada de pessoas, estava sozinha.

Uma das modelagens foi um pássaro que simbolizava liberdade para ela e que representava sua vontade de livrar-se de uma série de sentimentos e pensamentos que estava cansada. Ela identificou durante a modelagem que o pássaro tinha asas muito grandes para seu tamanho e resolveu reduzi-la, mas não deu olhos para que visse seu caminho, então recorreu ao barco, (sua primeira modelagem, feita com os olhos fechados) que a levaria para um lugar mais certo, por conta da vela e do timão para fazer escolhas.

FOTOGRAFIA 36 - ARGILA PACIENTE “R”

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

Notou também, que se pegasse o barco nas mãos, ele se transformaria em enormes olhos, que substituiriam os que ela ‘fechou’ para o pássaro. Disse achar que nunca se escolhe um caminho sem antes conhecê-lo e que a falta de visão e de direção é o que lhe atrapalha.

No final, ela uniu as obras colocando o pássaro no barco, simbolizando a necessidade da fusão entre ter asas para voar em todos os caminhos e direções, abrir os “olhos de coruja” e entrar no barco rumo à escolha que fez.

FOTOGRAFIA 37 - ARGILA PACIENTE “R”

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

FOTOGRAFIA 38 - ARGILA PACIENTE “R”

Fonte: Estágio em Arteterapia ArenArt, 2012

3.2.3 Depoimentos

No final do processo de Arteterapia, foi solicitado que os pacientes falassem sobre suas vivências e conclusões, alguns se dispuseram a falar e muitas coisas interessantes apareceram.

Bom, é engraçado quando a gente acha que conhece dentro da gente e agente não sabe coisa nenhuma. A gente pensa que sabe e aí quando a gente coloca isso pra fora, que a gente coloca a mão no que você sente, que nem na argila, quando a gente começa a moldar isso, a trazer o de dentro pra fora, a gente começa a perceber o quanto as coisas são engraçadas, a gente não tem a mínima noção do que se passa. A gente pensa que sabe, pensa que briga, pensa que chora, mas acho que na primeira 'aula' quando a gente também colocou nos cartazes tudo que a gente gosta e o que não gosta, que pra gente era simples, era só colagem e aí vê o outro lado disso, o que na verdade você quer dizer com aquilo, acho que é muito mais sério, acho que você começa a perceber que o que tem dentro da gente não é brincadeira e a gente tem que saber como levar isso. Bom, muita coisa muda, o tempo é o que faz as coisas mudarem, acho que a gente tem que aprender a ver isso: não se desesperar, não se descabelar, acho que com a Arteterapia eu consegui enxergar isso. E eu cheguei num ponto que eu tava, né? Sabe? (PACIENTE "LA", 2012)

Continuou:

Queria que acontecesse as coisas logo e no final do processo eu percebi que tudo aquilo que eu estava debatendo comigo mesma, arrancando os cabelos, se resolveu da forma mais natural que era o tempo que tinha que levar. E a Arteterapia me levou para este caminho de você enxergar que o tempo é necessário pra fazer as coisas mudarem, pra fazer as coisas, enfim, se resolverem. E também enxergar um pouco do verdadeiro que a gente tem dentro da gente, sabe? Acho que tem muita gente que não sabe, pensa que sabe, mas não sabe nada! Pensa que sabe o que tem dentro, o que o coração sente e o que a mente fala, mas quando você tá lá e coloca a prova isso, você descobre muita coisa que você não sabia que existia dentro de você. Eu acho que Arteterapia, ela ajuda muito nisso: enxergar o seu verdadeiro eu, e enxergar também, descobrir coisas que você nem imaginava que existia. Colocar a Arte pra fora. (PACIENTE "LA", 2012)

É muito interessante ver o quanto a Arte faz parte do ser humano e compreendê-la terapeuticamente é ainda mais fascinante. Os pacientes não tiveram acesso à bibliografia, porém, argumentaram sobre a Arteterapia de forma que vai ao encontro de falas de grandes autores.

Não sei se é... Seria interessante ou legal falar da Arteterapia ou do processo em si, porque a Arteterapia eu sei que fez tanto de diferença, que foi no entendimento do que estava pegando, o que é que incomodava. E o processo, mesmo eu acho que existindo um milhão e meio de fórmulas de se fazer este mesmo processo, eu acho que a forma que foi feita, foi a forma que cabia a ser feita, eu acho que é da forma que, não sei como, mas foi a forma ideal. Não sei se resolveu muito no que pegava, no que tinha que ser resolvido, mas eu acho que mudou alguma sim, tipo, sei que não foi só em mim, sei que pra todo mundo mudou alguma coisa, sei que pra mim mudou uma coisa muito grande. Igual o 'Del'¹⁸ mesmo fala que Arteterapia feita por uma vida inteira ou mais. Mas foi um tanto quanto interessante ter um momento para fazer e resolver pelo menos uma coisa de uma forma diferente da 'normal'. (PACIENTE "F", 2012)

A compreensão da vivência em grupo foi bastante interessante, pois não a pesquisa, mas os próprios participantes chegaram a conclusão da mudança dos integrantes durante o processo e a ansiedade pelas sessões e supostas mudanças inspiradas por elas.

Beleza? Então, eu sou o Lucas, sou um eterno militante, assim, na arte de pensar, por assim dizer. Desde sempre eu estou acostumado a pensar como as pessoas agem. Que eu acho que foi a primeira coisa assim que eu fiz minha como pessoa. Aí, a partir daí eu comecei a analisar como as outras pessoas costumam agir e existem várias formas da gente fazer isso, e a Arteterapia veio me mostrando mais uma destas formas: que é a pessoa mesmo se vendo. Eu já fiz muito isso na minha vida, autoanálise é algo que eu adoro, assim, que a gente tem que olhar pra si antes de conhecer o outro e eu acho que é muito importante, é o que está faltado muito hoje em dia é conhecer o outro. E se conhecer já é difícil, imagina conhecer outra pessoa, muitas vezes ela não se conhece. E aí veio assim, eu comecei com a Arteterapia meio no "vamos ver no que que dá né", sem muita esperança, pra ser sincero, na verdade eu acho que meu ego é tão grande que nunca tenho muita esperança pra nada. Mas aí eu me surpreendi, Não é nem pela minha mudança, que teve muito, mas por ver tantas pessoas mudarem, assim, e esperar a semana inteira por isso, e eu esperava também pra ver qual era a mudança dos outros, nem necessariamente a minha, porque isso aí a gente acompanha no dia a dia. E o grande ápice da Arteterapia me veio quando me questionaram por causa do Teatro mesmo, qual que era minha personalidade, quem era eu. E eu decidi explorar isto neste tempo que me foi concedido e aí vamos lá né... Explorar e eu achei bem legal! O resultado final não foi ainda o final, mas vamos ver, vamos continuar. (PACIENTE LU", 2012)

A maioria dos pacientes não esperava muito do processo e afirmaram terem sido pegos de surpresa, pois achavam que seria apenas uma brincadeira e nesta

¹⁸ Apelido do qual sou conhecido na ONG.

brincadeira, aos poucos foram se respondendo e se permitindo refletirem sobre si mesmos, gerando uma grande vontade de saber quem de fato é.

Bom, é, comecei a Arteterapia sem saber quem eu era e meio com raiva disso, meio querendo me obrigar a me mostrar, descobrir, saber o que eu queria fazer de verdade. E eu continuo meio sem saber quem eu sou, mas agora eu estou muito tranquila com isso porque eu sei que cada coisa tem seu tempo, durante o processo eu aprendi a me cobrar menos, saber que eu não preciso ficar me pressionando contra a parede, mas também não posso ficar solta sem fazer nada, parada como se fosse um peso morto na vida. É... Eu ainda não sei quem eu sou, mas eu estou a caminho disso, foi uma coisa que a Arteterapia me ajudou bastante, por que uma hora eu vou descobrir e eu não estou com pressa disso. Eu estou querendo viver cada momento, experimentar cada coisa que eu tenho que experimentar, passar por cada situação de forma como, melhor puder for pra mim, como... Sei lá, tenho menos medo de experimentar, de sentir de verdade ao invés de colocar uma máscara de 'ah, to feliz pra tudo' ou 'ah, to triste pra tudo' ou 'ah, não quero nada, porque eu não sei quem sou e tenho medo disso', isto não pertence mais a mim, então eu já sou mais livre. E é isso, eu espero que todo mundo tenha crescido tanto eu cresci, por que foi uma coisa única. Eu não estava esperando nada porque eu não sabia o que era Arteterapia. E foi muito bom, muito enriquecedor digamos, pra mim, como ser humano, se é que ser humano é uma coisa tão grande assim. (PACIENTE "K", 2012)

A aprendizagem está na descoberta das possibilidades de solucionar problemas, sejam eles de Matemática, ou da vida, que muitas vezes são mais complicados e vistos como sem resolução.

Bom, eu acho que você, começa pelo menos eu comecei como uma brincadeira, né? Vamos fazer colagem, vamos brincar, vamos, vamos, vamos... Aí começa a cutucar, cutucar, e aí vai, e aí vai nos seus problemas, naquelas coisa que você não quer que ninguém saiba, aquelas coisa que você costuma guardar pra você e fala: 'vai ficar aqui e não quero que ninguém mexa', mas aí vai mexendo, vai mexendo, até que chega um tempo que você sem perceber, conseguiu resolver dentro de você. E aí fica mais fácil de resolver pra fora também. E outros problemas vão vir, vão chegar, mas acho que se você se conhece, se você sabe o que você pode fazer por você, porque você está passando por isso, o que você fez, o que você pode fazer agora, você sabe disso porque você já resolveu antes, você consegue resolver os próximos, não parece mais um bicho de sete cabeças, mais fácil pra você. Mesmo que esteja indo embora agora, eu acho que levo muita aprendizagem, sei lá. A gente expressou em arte o que estava sentindo e solucionou em arte também. Eu acho que isso sai daqui e fica pra vida toda. (PACIENTE "R", 2012)

O olhar pra si, criticamente é algo que tendemos não fazer, nos ver de verdade permite a compreensão, daí a utilização da projeção o da terceira pessoa citada anteriormente por Freud (1976).

Então, eu acho que no começo ninguém entende nada porque é uma coisa nova, Arteterapia, acho que ninguém conhece. Só que aí você começa a ver seus problemas, ver o que você é de verdade e tentar resolvê-los, por em prática de verdade. A Arteterapia te leva a por em prática. Pode lavar um tempo enorme, assim, mas uma hora você vai acabar pondo em prática, sem querer, e aí você resolve aquela coisa que você achava impossível de resolver, impossível mesmo! A Arteterapia te faz pensar de uma forma diferente, aquela coisa que você achava tão simples... uma simples folha, um simples sorriso pode significar várias coisas, não é só aquilo e pronto. Eu acho que a Arteterapia é isso: ver o mundo de várias formas. Não pintar só com a razão, pintar com a emoção. É isso. (PACIENTE "GI", 2012)

Notar que existem mais coisas na nossa produção artística além de simplesmente papel, barro e tinta, nos leva a respostas e sentimentos (o claro) que desconhecíamos que inconscientemente (o escuro) nos perturbava.

Bom, então né? Eu comecei a fazer Arteterapia, é... Eu não sei... Eu acabei vendo que mesmo fazendo as coisas com espontaneidade, tem um lado meu que está fazendo de propósito, pra tentar fazer eu perceber que tem algo ali. Aí foi passando este tempo fazendo Arteterapia e fui vendo que realmente tem este lado que tá tentando aparecer, que provavelmente seja o lado da emoção, porque sou muito racional, vivo pensado em muitas coisas ao mesmo tempo e não consigo fazer um fluxo de pensamento lógico e tá me ajudando a transformar este fluxo de pensamento aleatório numa coisa romântica pra mim. Agora estou entendendo o que estava no obscuro, agora está vindo pro claro pra mim, está aparecendo uma luz. E eu acho que a Arteterapia tá ajudando bastante a crescer meu pensamento e começar a agir não só pensando antes, mas também agir só pela emoção, pelo ato de fazer. (PACIENTE "D", 2012).

O simples fato de falar já é terapêutico, como cita Freud (1976, p. 73), daí a utilização de depoimento como conclusão do processo terapêutico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arteterapia, o Psicodrama, a aprendizagem, autoconhecimento são e devem ser aplicados, praticados e reafirmados durante toda a vida, assim como o cérebro ou por conta dele, somos seres multáveis, com plasticidade e podemos reelaborar situações diversas, se quisermos, se nos permitirmos.

Os jovens e adolescentes estão penando com seus sofrimentos mentais de forma, muitas vezes desacompanhada, fazendo com que tenham que encontrar respostas para as suas inquietações, sozinhos. Com a inexperiência, ansiedade, vergonha e medo, passam boa parte do tempo, angustiados em vez de dar espaço a situações de aprendizagem e estudo. Dificilmente aprenderão o que acontece no mundo de fora se está preocupado em aprender e entender o que ocorre no mundo de mundo de dentro, mundo este que está em guerra e constante mudança, daí o alívio proporcionado por atividades artísticas que permite que eles possam dar atenção a outras preocupações pertinentes a idade, que no caso, são acadêmicas.

Durante o processo, os adolescentes e jovens pesquisados conseguiram cada um da sua forma e ao seu tempo, através do trabalho em grupo ou individual, tocarem-se, reconhecerem-se, através da subjetividade das atividades artísticas aplicadas com caráter terapêutico e notaram que a maioria de seus sofrimentos, sentimentos e questões são comuns a sua faixa etária.

Os casos de maior unidade e sensibilidade ocorreram com os pacientes que tinham problemas na composição e organização familiar, diante disto, foram encontrados alguns tópicos na Academia Americana de Psiquiatria Infantil e Adolescente que vai ao encontro desta pesquisa na abordagem de sofrimentos mentais, onde os principais encontrados foram: frustrações; pensamentos e sentimentos negativos sobre si mesmos; mudanças em seus corpos; problemas com amigos e/ou colegas de escola; ambiente de vida inseguro/bairro; separação ou divórcio dos pais; problemas graves na família; morte de um ente querido, ter expectativas demasiado elevadas.

Ficou claro também que é de suma importância a vontade e disponibilidade do paciente durante o processo, que dará subsídios ao autoconhecimento e para

sucesso em problemáticas já instauradas e também que tem potencial preventivo, partindo do pressuposto de que os sofrimentos mentais atrapalham a organização do indivíduo e o alívio da elaboração dos mesmos, permite que estejam dispostos e disponíveis para novos obstáculos, pois, nunca está tudo terminado, que sempre tem algo a ser feito, resolvido, tratado, reelaborado.

Descobrimos aprendemos! “B” aprendeu que pode e que quer andar e crescer; “D” aprendeu que seu olho direito é importante e faz parte do seu corpo e que a ausência dele traria problemas, que é possível pensar com o coração e que existe um impulso muito grande dentro de si buscando emoção, afeto, carinho. E o mais importante, aprendeu que tem autonomia de escolha, mesmo que seja para não escolher nada ou entender nada, isto é, optar em manter sublimado determinadas coisas neste momento; “F” aprendeu que pode chorar, pois chorar faz bem, que não é necessário se camuflar, a esconder ou se privar de seus sentimentos; “Ga” aprendeu e descobriu que é capaz, que pode conquistar se correr atrás, se estudar. Aprendeu que não ter família, estruturada, não significa que não poderá constituir a sua própria, se libertando dos padrões geracionais e do até então fardo do inevitável e eminente fracasso; “Gi” aprendeu que desistir não é o mais fácil, que pode elaborar de outra forma o que sente e que consegue mesmo sozinha, entender-se, renascer como o Sol, encontrar-se e sorrir para suas descobertas e permitir um raiar de luz em seu coração; “K” aprendeu que não se conhece e que o que supostamente lhe diz não, está lhe convidando para um desafio, para um “se liga” e que esta erupção que vive deve impulsioná-la a seus objetivos, mas principalmente que este muro que ela mesma colocou a sua frente é menor e mais fraco do que parece; “La” aprendeu que o medo aprisiona, paralisa, não permitindo que ela veja saídas e possibilidades de sucesso. Descobriu que pode enfrentá-lo e expulsá-lo de sua realidade; “Lu” aprendeu que as máscaras são apenas couraça que ele criou para o menino sensível e assustado que existe nele, que ele pode se quiser, se despir destes personagens ou utilizá-los quando necessário, sem que eles façam parte entranhada de seu corpo; “N” aprendeu que pode sentir, descobriu que existe uma linda e forte mulher escondida em seus olhos e postura de menina; “R” aprendeu que ter asas demais, liberdade demais trás consequências e que o barco que a move, precisa de grandes olhos para direcionar seu caminho, isto é precisa olhar para seu caminho e escolher com autonomia e autenticidade, mas

principalmente, aprendeu que pode expressar em arte o que está sentindo e solucionar em arte também.

Em suma, nunca sabemos ou saberemos quem somos, pois a cada dia, somos um ser novo, com novas metas, vontades, anseios e frustrações, com novas sinapses nascendo e morrendo: Somos a personificação de Eros e Tanatos.

Como diz o “J”, na frase de Fernando Sabino que virou um dito popular: “no fim tudo dá certo, e se não deu certo é porque ainda não chegou ao fim”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNSTEIN, Thérèse. **O corpo tem suas razões**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **O correio do corpo**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BRITTO, Sérgio. Epitáfio. Interprete: Titãs. In: TITÃS. **MTV ao vivo: Titãs**. Rio de Janeiro: Sony, p2005. 1 CD. Faixa 13.
- BRITTO, Sérgio. **MTV ao vivo: Titãs**. Rio de Janeiro: SONY, 2005. 1 CD. Faixa 13.
- BOUR, Pierre. **Psicodrama e vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- CARVALHO, Maria Margarida M. J. de. **A arte cura?**. Campinas: Workshopsy, 1995.
- CHAMAT, Leila Sara José. **Guia para avaliação das dificuldades de aprendizagem**. São Paulo: Vetor, 2010.
- _____. **Técnicas de diagnóstico psicopedagógico**. São Paulo: Vetor, 2004.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- CLARET, Martin. **O pensamento vivo de Freud**. São Paulo: Guteplan, 1985.
- CIORNAI, Selma. **Percursos em arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004.
- COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com crianças**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- BERTONI, Iris Gomes. **A dança e a evolução**. São Paulo: Tanz do Brasil, 1992.
- BOWLBY John. **Trilogia: apego, perda e separação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Junior: dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.
- FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- _____. **Os Idiomas do aprendente**. Porto Alegre: Vozes, 2010.
- _____. **Psicopedagogia em psicodrama**. Rio de Janeiro: Artmed, 2001.
- FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- _____. **Neurose e Psicose**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- GOLÇALVES, Camila Salles. **Lições de psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1988.

GRASSI, Tânia Mara. **Oficinas psicopedagógicas**. Curitiba: Ibpex, 2008.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LIMA, Taís Aparecida Costa. **A aplicação do conto de fadas: branca de neve no espaço psicopedagógico**. São Paulo: Vetor, 2000.

_____. **Cartograma da autoria do pensamento**. São Paulo: Vetor, 2005.

MELO, Walter. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Cutrix, 1975.

OLIVEIRA, Lou de. **Psicopedagogia e arteterapia**. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

POLITY, Elizabeth. **Dificuldade de aprendizagem e família**. São Paulo: Vetor, 2001.

REIS, Alberto Olavo Advincula. **Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung**. São Paulo: EPU, 1984.

WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

- ALVES, Joana. **Sufrimento mental**. Disponível em: <<http://reformapsiquiatrica.wordpress.com/2009/12/29/sofrimento-mental-por-joanan-alves/>>. Acesso em: 11 jul. 2012.
- CARVALHO, Tatiane. **Educação científica**. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_6597/artigo_sobre_educacao_cientifica>. Acesso em: 25 jul. 2012.
- COLLINS, Harper. **Ajudar os adolescentes com estresse**. Disponível em: <http://www.aacap.org/cs/root/facts_for_families/helping_teenagers_with_stress>. Acesso em: 07 jul. 2012.
- ELIEZER, Joya. **E a Arteterapia chegou ao Brasil**. Disponível em: <http://www.revistapsicologia.com.br/materias/pontoDeVista/m_pontodevista_arteterapia.htm>. Acesso em: 13 mai. 2011.
- GUTTMANN, Monica. **Arte terapia**. Disponível em: <<http://www.monicaguttmann.com/artigo5.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2012.
- KUTCHER, Stan. **Impact of Mental Health**. Disponível em: <<http://teenmentalhealth.org/understanding-mental-health/impact-of-mental-health/>>. Acesso em: 07 jul. 2012.
- UNFPA. **Direitos da população jovem**. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/direitos_pop_jovem.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2012.

- SIGMUND, Freud. **Frases.** Disponível em: http://pensador.uol.com.br/autor/sigmund_freud/. Acesso em: 24 jul. 2012.

ANEXO

ANEXO A – “Oração do grupo Alfa no Estágio de Arteterapia

Apesar de ter todo um preenchimento o vazio me faz ^{me} pensar e
ALCANÇAR

MAIS Não se esqueça que o Bem e o mal sempre vão ^{decidir} tomar as
suas vidas ~~na~~ ^{de} ~~com~~ ^{de} ~~que~~ ^{que} ~~um~~ ^{que} ~~peço~~

Seguir em frente sem medo de cometer

Atos. TORNAM SUA PELE MAIS FORTE, MAIS DIFÍCIL DE

CORTAR. ÀS VEZES É PRECISO SE DESFAZER DE ALGO
para

criar. Com a falta ou a presença de alguém
deixando a tristeza de lado,

Grupo Alfa

ANEXO B – “Oração do grupo Beta no Estágio de Arteterapia

Para mim tudo está envolvido com a
 amizade, que a vida me levou só me fez
 chorar
 viver, sentir, crescer... tudo faz parte de minha vida mas me sinto com
 algumas coisas que me completam, um sentimento no qual que
 não me
 agrada eu não agrada, isso não importa mais. Não precisa
 agradar as pessoas para sentir-se bem e ser feliz só precisamos
 ser nós
 mesmos sentir, mesmas pessoas, tudo isso acontece. O legal bem é que
 vou aprendendo a dar valor a pequenos momentos de felicidade.

Grupo ~~Alpha~~ Beta

ANEXO C – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “B”

ANEXO D – Termo de autorização de uso de imagem do paciente “D”

ANEXO E – Termo de autorização de uso de imagem do paciente “F”

ANEXO F – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “Ga”

ANEXO G – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “Gi”

ANEXO H – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “K”

ANEXO I – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “La”

ANEXO J – Termo de autorização de uso de imagem do paciente “Lu”

ANEXO K – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “N”

ANEXO L – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “R”

ANEXO M – Termo de autorização de uso de imagem do paciente “A”

ANEXO N – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “Ra”

ANEXO O – Termo de autorização de uso de imagem da paciente “An”

ANEXO P – Letra da Música “Epitáfio”

*Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais
E até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer...*

*Queria ter aceitado
As pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria
E a dor que traz no coração...*

*O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...*

*Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos
Ter morrido de amor...*

*Queria ter aceitado
A vida como ela é
A cada um cabe alegrias
E a tristeza que vier...*

*O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...(2x)*

*Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr...
(SÉRGIO BRITTO, Epitáfio).*